

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NÃO sabemos quem foi que disse que as guerras são como as revoluções, tanto mais improváveis quanto mais delas se fala.

Em 1914 não foi assim; a guerra andava no ar, havia muito. O atentado de Serajevo, esse sim, como pretexto, é que surgiu de imprevisito.

Presentemente, e ao mesmo tempo que todos os povos, sem excepção, afirmam o desejo da paz — o espectro da guerra aparece mais ou menos velado. Em verdade o aforismo «se queres a paz prepara a guerra» pode contribuir para as previsões pessimistas de muitos.

Como seria agora possível que, com um simples pretexto — um desses acontecimentos imprevisitos, como ha semanas os assassinos do rei Alexandre e de Barthou — voltasse a desencadear uma conflagração, que irradiaria do foco como rastilho de pólvora?

Na ultima guerra morreram 10 milhões 735.000 combatentes, e cerca de dois milhões de civis, havendo 15 milhões de feridos e estropiados.

A guerra custou aos povos cerca de dez mil milhões de contos, traduzido o montante em português. Mas o encargo de pensões, subvenções, reconstruções de estragos tornam o prejuizo fabuloso, inexpressível em números. Só a França, afinal um dos povos vencedores, paga cerca de dois milhões de contos anuais de encargos de vidas. Multiplique-se isto por dezasseis países.

Alguns milhões de hectares de terras destróçadas, dezenas de milhar de fabricas destruidas, e outros tantos de edificios publicos e urbanos, esquadras afundadas — cataclismo economico do qual por muitos anos todos sofrerão as consequências — eis um pouco do que foi a guerra.

E é, então, possível pensar ainda noutra guerra?

* * *

PELA nota officiosa do ministerio da Agricultura, relativa a trigos e que põe em relevo o facto de desde ha três anos Portugal ter produzido muito mais trigo do que o necessario para o consumo — apura-se este importante periodo:

«...Os preços dos trigos têm de ser utilizados para actuarem como elemento regulador da produção e do consumo a fim de se evitarem para a lavoura e para o país, os males do sobre produção de um genero que se não pode exportar e os motivos que nos conduzem, além doutros, a promover a baixa do preço do trigo da futura colheita e a baixa correspondente dos preços das farinhas, dos sub-produtos do pão e das massas alimenticias, quando esses trigos entrarem no consumo.

* * *

FOI prorrogado por dois meses o prazo concedido para a conclusão dos trabalhos da comissão encarregada da reforma da fazenda municipal e paroquial.

Enquanto fizer parte dessa comissão será dispensado do seu serviço lectivo o professor da Faculdade de Direito sr. dr. Marcelo Caetano.

1 6 4 0

O Primeiro de Dezembro recorda 1640. A simples citação desta data evoca, por sua vez, o periodo da dominação feliplina, a que 1640 pôs termo.

A perda da independencia correspondeu, mais do que á decadencia começada em D. João III, á fatalidade que resultou da falta de sucessão natural do rei D. Sebastião, que, levando longe de mais o espirito aventureiro da cavalaria, desapareceu em Alcacer-Quibir, deixando o país sem rei, sem nobreza, quasi sem esperanças, e legando-lhe apenas — o sonho do sebastianismo.

Noutro periodo da nossa historia, mesmo sem sucessão directa, mesmo rodeado de ambições, teria Portugal encontrado em si energias para desembaraçar-se de intrigas politicas e dos exercicios do duque de Alba?

E' difícil, e aliás inutil, responder. Os tempos do Mestre de Aviz, iam longe. A revolta popular, sagração do genio lusiada em 1384, já não era possível em 1580.

O certo é que, por efeito daquela fatalidade — fatalismo de que nenhum dos povos da terra se liberta — Portugal esteve 60 anos sob o jugo espanhol.

O que provocou o golpe de 1640? Tanto como a sêde de independencia que em muitas almas de nobres e de plebeus nunca se extinguiu — o abandono, a que a Espanha sujeitou Portugal, as violencias, os tributos, a «ausencia de direito» que a levou a esquecer, para seu proprio interesse, os deveres de suposta soberania que as circunstancias lhe impunham.

O mesmo fatalismo que levou Portugal a cair sob a garra imperialista de Filipe II, levou Filipe III e IV a prepararem a sua propria desgraça em Portugal.

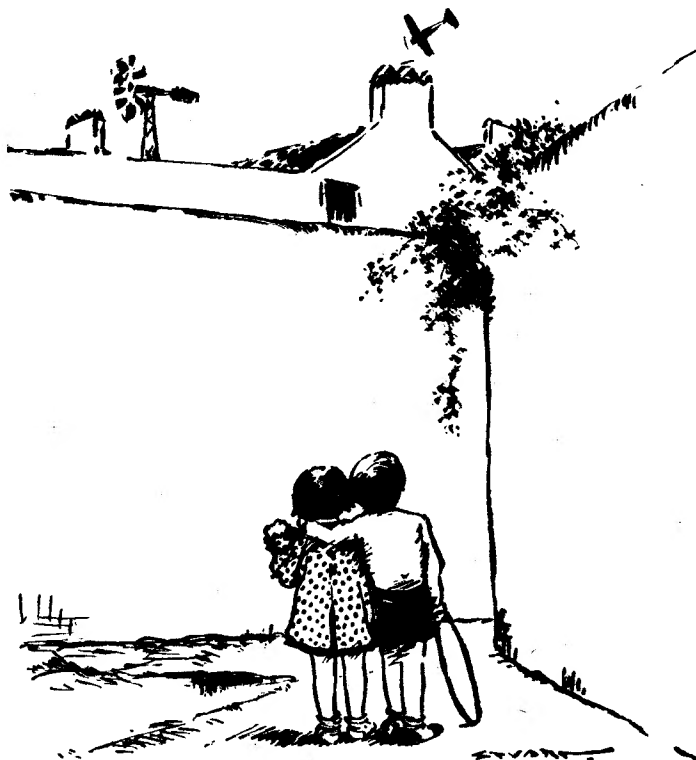
O povo, o clero desta vez, e uma parte da nobreza, apolando-se na astucia politica do duque de Bragança, mais difícil de manter, diga-se em verdade, do que a do Mestre dois seculos antes — fizeram o milagre da manhã do Primeiro de Dezembro de ha 294 anos.

Isto, porém, pertence á Historia, e de 1640, e da data que se comemora, pode apenas fixar-se o exemplo do patriotismo, que reagiu, do genio nacional que despertou.

Os tempos hoje, são outros. A Espanha do seculo XX é outra. O espirito imperialista, dominador dos povos, e monente dos povos com a sua delimitação geografica e sua autonomia politica bem fundadas — desapareceu. O nosso patriotismo ao evocar 1640 já não se refere á Espanha actual. A comemoração nacional podia até ser assistida por espanhóis de todos os credos, tamanha é a consciencia feita do erro da absorção espanhola de 1580, e dos crimes subsequentes que se registaram num periodo de mais de meio seculo.

Mas se a celebração do Primeiro de Dezembro não nos obriga a olhar a Espanha contemporanea com outros olhos que não sejam de amizade orgulhosa do destino autonomo — ela implica a obrigação de recordarmos os nossos homens do passado, de tributarmos respeito á sua memoria.

Sobretudo de exaltarmos o genio que em 1640, como em 1385, soube despertar a tempo, salvando a independencia da Nação, de que o povo, desde o primeiro Afonso, foi sempre o mais forte esteio, o mais inspirado braço.



— Os aviadores, quando morrem, vão mais depressa para o céu!
— Porque?
— Porque já sabem o caminho.

O ENGENHEIRO sr. I. Katel realiza esta noite na Sociedade de Geografia a sua anunciada conferencia acerca de acustica architectural.

Estava marcada anteriormente na Associação dos Engenheiros Civis. Mas entre os tecnicos portugueses, foi tamanho o interesse de expectativa por esta conferencia, que versa um assunto pouco ou nada tratado em Portugal, que houve necessidade de escolher uma sala mais vasta. Na Sociedade de Geografia devem esta noite reunir-se architectos, engenheiros, musicos, construtores, artistas, e outras pessoas a quem o assunto directa ou indirectamente interessa, pela palpitante actualidade que reveste o problema do som na architectura moderna, ou na adaptação do antigo, pelo aspecto de acustica nas salas de espectáculo, de conferencias, escolas, anfiteatros e estúdios.

* * *

ESTA manhã, no largo do Municipio, um homem, que se atarrantou ao atravessar a linha, e para fugir de um automovel, que aliás seguia de vagar, foi apanhado não se sabe se pelo salva-vidas do electrico, se pelo guarda-lamas do automovel.

Felizmente não sofreu senão o susto da queda. Puzeram-no de pé, e seguiu. Mas o transito é que não seguiu. O guarda civico do transito fez uma devassa, tirou notas, registou testemunhas, ouviu motoristas e guarda-freios, e todo o movimento paralizou durante mais de cinco minutos.

Será indispensavel o inquerito? Se o era, podia ter-se feito rapidamente. A fila de carros foi grande, e os prejuizos dos passageiros, alguns dos quais iam para o comboio do Estoril, foi grande.

Já o sinistrado ia longe, são e salvo...

* * *

NO concurso ha pouco realizado no Conservatorio, para provimento da vaga deixada pela desistencia de Florinda Santos, ficou classificada em primeiro lugar, entre quatro concorrentes, a brilhante concertista Yvone Santos.

Pianista de grandes recursos já, apesar da sua idade — Yvone Santos conta pouco mais de vinte anos — estudiosa, corajosa, o seu esforço e o seu talento mereceram esta decisão do juri, que registamos com aplauso.

* * *

O NOVO livro de Alice Ogando, ha dias aparecido nas livrarias Marias, é das mais brilhantes demonstrações do talento desta ilustre escritora. Trata-se desta vez de uma deliciosa compilação de poesias, de encantadora inspiração, gracioso e perfumado, de um lirismo sadio, e no qual perpassam as Marias portuguesas, elas proprias, só pelo nome, de adoravel sentido poetico.

* * *

O GOVERNO foi autorizado a alienar, para a construção de casas economicas, os tratos de terreno dispensaveis na posse e propriedade do Estado.

TEATROS E CINEMAS

Teatro de Julio Dantas

Repetem-se esta noite no Nacional as três peças de Julio Dantas que ali foram repostas há dias com grande êxito: «Soror Mariana», «Ceia dos cardiais» e «Rosas de todo o ano».

Aírá do reposteiro

No Carlos Alberto, do Porto, estreia-se hoje um rapaz português que na vida artística, a que se dedicou, adoptou o nome de «Marius». Chamase, porém, Mario da Graça e Cruz, e é filho do falecido jornalista Graça e Cruz, que se lançou nas lides da imprensa republicana após o malogro da revolução de 31 de janeiro, em que participou, na qualidade de combatente, nas ruas do Porto, cidade em que nasceram seus filhos e em que viveu sempre, até à sua vinda para Lisboa, onde, após a proclamação da República, ascendeu ao posto de capitão, que lhe pertencia. «Marius» é, portanto, portuense e tão bom português que tendo percorrido meio mundo, considerado o primeiro ventríloquo, com os seus engraçados bonecos, em toda a parte afirma, com orgulho e com patriotismo, a sua nacionalidade, a sua filiação e até a sua qualidade de tripeiro nato, nascido na freguesia do Bomfim, da Invicta cidade.

—Augusto Soares, actual director artistico do Gimnasio, ao lado de Erico Braga, voltou também a sua actividade de realizador e «metteur-en-scène», pelo que está ensaiando as massas corais da opereta popular «O Chico das Pêgas», que vai estreiar-se no Variedades, depois das representações de «O Aldrabão».

—E' na proxima segunda feira que no teatro Avenida, se realiza a estreia, aguardada com o maior interesse, da companhia Hortense Luz, que naquele teatro vai realizar três espectáculos seguidos, com os «vaudevilles»: «O Grão de Bico», «A Sopa de Massa» e «O Tio do Brasil» (Jorge Cadete), seguidos, em fim de festa, de actos de revista em que Hortense Luz exhibe as suas tonadilhas.

—Adiada para a proxima semana, a estreia, no Avenida, da comedia original do actor Joaquim Almada, «O amor... é o diabo!», repete-se hoje, amanhã e no domingo («matinée» e «soirée»), a comedia «Novos e Velhos», ainda em pleno sucesso.

—Têm-se acentuado as melhoras do ilustre artista e professor, mestre Antonio Pinheiro, director de cena do Trindade e ensaiador, que, já na proxima semana, deverá retomar a sua actividade profissional.

—Na opereta o «Chico das Pêgas», em ensaios no Variedades, Maria Sampaio vai interpretar a ingenua da peça, criada pela ex-actriz Ilda Ferreira; Josefina Silva, a personagem criada por Amelia Pereira e Dina Tereza, que reaparece neste teatro, vai realizar a «Mulatinha», a volta da qual gira a intriga da peça.

—Alem doutras, vão interpretar, no Apolo, a revista «Zé dos Pacatos», as seguintes actrizes: Lina Demoiel, Maria Alvarez, Zulmira Miranda, Filomena Casado, Virginia Soler, Herminia Silva, Alda de Sousa, Maria Guimarães, Zita Trindade e Elvira Figueiredo, estreante.

—Amanhã e domingo, duas grandiosas «matinées» no Gimnasio, com Luisita Esteso, a maior cançonetista comica de Espanha, alternando com Antonhita Torres, artista coreografica de grande classe. No «écran» o filme parisiense «A amante do meu noivo», com Spinelly.

—Por ser dia de feriado nacional, realiza-se amanhã, no Coliseu, ás 15 e 30, uma grandiosa «matinée» com a deslumbrante fantasia «O Fim do Mundo». Domingo haverá nova «matinée» com a mesma famosa peça que tem sido o maior sucesso de que ha memoria em teatros portugueses.

—A reparição em Lisboa, no Avenida, do grande actor José Alves da Cunha, integrado na companhia Maria Matos, far-se-á na comedia «O Alfinete», adaptação de Lino Ferreira, Fernando Santos e Almeida Amaral, num papel inteiramente diferente de quantos tem interpretado até agora.

—Foi fixada para a proxima quarta-feira, 5, a reabertura do Trindade, para apresentação da nova companhia de comédias e farsas, e estreia da comedia em 3 actos, «O menino virtuoso», cujos principais interpretes, nos dois primeiros papeis, são Irene Izidro e Vasco Santana, no protagonista.

Variedades e cinema no Ginasio

O Gimnasio voltou ontem a reviver os tempos das cançonetistas e bailarinas espanholas do Salão Foz, do S. Luiz e do Trindade. Luisita Esteso, a «estrela» escolhida para a reparição desta classe de espectáculos, é realmente a primeira de Espanha no seu genero humorístico, e quasi a sua criadora. Quasi, porque o precursor da sua maneira original foi o pai de Luisita, o saudoso Luis Esteso, escritor culto, que dividia o seu tempo entre o cenaculo modernista do café «Pombo» e o cuidado de reeditar classicos, artista de variedades que se dedicava a auto-caricatura do genero que ridicularizava em palestras e comentarios espontaneos: «el

peor de sus imitadores y unico artista de variedades que viaja sin madre»—assim se annunciava ele proprio.

Como seu pai, também Luisita Esteso faz a auto-caricatura da sua arte. Sendo jovem e formosa, cantando e dizendo com inteligencia, tocando as castanholas e bailando com graça, e podendo com tais qualidades impôr-se com seriedade, de todos os seus meritos faz caricatura, trocando do canto e do baile castiço, ridicularizando o «flamenquismo», aquilo que ela propria classifica de «civilisacion arabe». Tão inedita attitude desconcertou o publico que, de entrada, não compreendeu a intenção da artista. Na segunda canção humorística—uma caricatura elegante—já foi menor a surpresa, e na terceira—outra caricatura, mas de sentido andaluz—toda a plateia se entregou em ovações quentes que o poderiam ser ainda mais se Luisita preferisse ser cancionista, se transigisse, se abdicasse da sua maneira trocista.

Para preencher os intervalos dos seus numeros, trouxe Luisita Esteso uma bailarina que foi famosa, Antonhita Torres, elemento permanente durante varios anos no velho Romea, sacerdotisa imprescindível da antiga catedral das variedades.

A primeira parte do novo espectáculo do Gimnasio é preenchida por um filme amavel que deleita o publico, «A amante do meu noivo», com um bom grupo de actores franceses e a actriz Spinelly na protagonista, e sendo de justiça elogiar a boa qualidade de som do aparelho cinematografico de que o teatro agora dispõe.

—R. P.

«A Volta de Raffies» e «A Intrusa»

O Politeama estreou ontem um programa de que fazem parte dois filmes de grande metragem—«A volta de Raffies» e «A Intrusa»—que conseguiram despertar certo interesse entre uma parte da assistencia.

O primeiro, apesar de não constituir novidade alguma, quer pelos processos cinematograficos, quer pelo proprio enredo, cheio de ingenuidades, tem, no entanto, o interesse de todas as produções de caracter policial, de que o grande publico gosta sempre. Mansfield Makham, cujo valor não esperou este filme para se afirmar, conduziu a realização de tal forma que o publico aguarda com viva curiosidade o remate da novela.

O outro filme, «A Intrusa», que é a produção rica do programa, é uma deliciosa comedia, com um extraordinario caracter de humanidade, através da qual passa, num sopro de simpatia, a encantadora Carole Lombard, com a sua elegancia requintada e a sua expressão de mulher sinceramente apaixonada. A sua acção resta pelucida, que se traduz por uma emotividade constante, constitui o grande valor de «A Intrusa». Momroe Owsley, Coob e Gene Raymond acompanha Lombard, no seu belo desempenho, contribuindo poderosamente para o êxito da fita.—M. N.

«Voo Nocturno»

Na proxima quarta-feira estreia-se no Odeon e Palacio mais um filme de grande classe da serie X ano da Metro Goldwyn Mayer. Na interpretação de «Voo Nocturno» (Wight Flight) tomam parte seis vedetas de categoria mundial: John Barrimore, Helen Hayes, Clark Gable, Lionel Barrimore, Robert Morat-Gomery e Mirna Loy. Esta produção obteve o premio Femina. Continuam,

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA

Excelente tónico reconstituinte, muito agradável e de fácil digestão
Medalhas de Ouro em todas as Exposições

HOJE
Fim do mês

AMANHÃ
Dia de feriado

DOMINGO
Matinée e Noite

e SEMPRE!

no VARIEDADES
A comedia impagável de graça e alegria
O ALDRABÃO

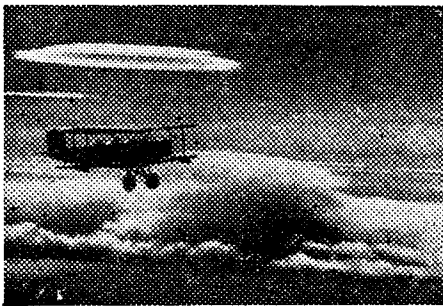
AVENIDA A's 9 1/2 horas

HOJE: Final do mez.—AMANHÃ: Dia de feriado nacional.—DOMINGO: Em «matinée» e «soirée».—Últimas da comedia

NOVOS E VELHOS
a pedido geral do publico

Na proxima semana:

«Premières da nova comedia do actor
JOAQUIM ALMADA
O Amor... é o Diabo!



ATRAVESSANDO AS NUENS
assim, o Odeon e Palacio, a exhibir das melhores produções do ano.

«O Coração Manda»

Na proxima segunda-feira, o Central Cinema, realçando as suas brilhantes tradições, apresenta a ultima maravilha musical da Gaumont British, «O Coração Manda», com Fernand Gravey, Anna Neagle e Pat Patter-



Trata-se duma linda pagina de amor, realçada com extraordinario luzo, por Herbert Wilcoze, e que, pelos seus multiplos encantos, apaixonou o publico de Londres, onde registou a notavel «performance» de se conservar em exhibição durante quatro meses, com êchentes consecutivos.

Actualidades

Uma homenagem de René Clair a Jacques Baronecelli:

«Conheci Jacques Baronecelli no começo da minha carreira; nessa epoca não tinha encontrado outros meios de aprender cinema de que filmar como actor. Compreendi, bem depressa, que era o pior galã de França, ainda que este titulo me fosse disputado por alguns concorrentes. Tendo abordado o cinema desta maneira tão pouco amadora, a minha sorte foi ser um dia assistente de Jacques de Baronecelli.

Entretanto, seria um ingrato se não dissesse a verdade: Devo todo o principio da minha carreira, e por conseguinte as suas sequencias, a Jacques de Baronecelli. Ele foi o meu professor e fica—no sentido que os operarios davam outrora a esta palavra: o meu mestre.

—Na proxima segunda-feira, o elegante Central, estreia um novo filme com Ana Neagle e Fernand Gravey, intitulado «O Coração Manda» (Bitter Sweet).

Raul Lopes Freire, que este ano voltou a distribuir filmes, apresentar-nos-á durante a epoca, entre outros: «Um sonho in-

terrompido» (Sally Bishop), com Joan Barry e Harold Huth; «A moderna professora» (Skandal um Eva) com Henny Porten; «Amor em uniforme» (Liebe in Uniform) Harry Liedtke e Ery Bos; «Ele e o criado» (Er und sein Diener) com Oscar Sabo e Elise Reval; «Com automovel e sem dinheiro» (Ein auto und kein Geld) com Dina Gralla e Paul Kemp; «Baía dos Tigres» (Tiger Bay) com Anna May Wong e Henry Victor; «Três da mesma força» (Love on the spot) com Richard Dolman e Rosemary Arnes; «Criado impossível» (The impassive footman) com Owen Nares e Bethy Stockfeld; «Aurora Tragica» (Matinée Idol) com Camille Horn; «O manequim» (Mannequin) com Diana Beaumont e Harold French; e «Rivalidades» (Falling for you) com Jack Hulbert e Ciceby Courtneidge.

—Pierre-Jean Ducis vai filmar em Epinay «Un petit trou pas cher» de Yves Mirande, peça representada em Paris, com grande êxito, em 1909, no Teatre de la Comedie-Royale.

—Os filmes do sr. Fernando Ponte e Sousa que serão exhibidos na sessão de cinema de Amadores, no proximo dia 6, na Sociedade Propaganda de Portugal, são dois documentarios intitulados «Por Espanha» e «Desportos de inverno».

Como temos anunciado, as entradas são gratuitas e devem ser requisitadas à sub-seção de cinema, daquela Sociedade. A lotação é limitada.

—Walter Lang será o realizador de «Le Grand Barnum», filme que traça a historia dum dos mais famosos circos do mundo. Wallace Beery será Barnum, fazendo parte igualmente da distribuição Adolphe Menjou.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ NOITE DE MAIO
com Kathie de Nagi e Fernand Gravey
A's 21 e 30 Os primeiros passos do cinema
Telef. 24381
2.ª semana

CENTRAL O Rei dos Pretos
com Georges Milton
A's 21 e 30 O violino encantado

CONDES A canção duma noite
com o celebre tenor Jan Klepura
A's 21 e 15
Telef. 22513
2.ª semana

OLYMPIA La'ões de Gado
com Tom Mix
Um homem de encomenda
Sessões continuas das 14 e 30 as 24
SCARFACE
Telef. 26309

ODEON Canção de amor
A's 21 e 15
Telef. 47163

PALACIO Joseph Schmidt
A's 21 e 30 um dos maiores tenores da actualidade

POLITEAMA A INTRUZA
com Gene Raymond e Carole Lombard
A's 21 e 30 A VOLTA DE RAFFIES
com Georg Barrow e Camille Horn
Telef. 26305

PARIS A BATALHA com Anabella e G. Boyer
Era uma vez um rei...
Desenhos coloridos
Matinées ás 5.ª e sábados ás 15
Tel. 28777

CAPITOLIO Nos confins do mundo
com Kathie de Nagi
Bilhetes desde 1\$60 Mães Solteiras

TERRASSE Uma noite acenleceu...
A's 21 e 15 Telef. 20971 O Reizinho

GIMNASIO HOJE, A's 21 1/2
Telef. 28801
GRANDE E SENSACIONAL ÊXITO
LUISITA ESTESO

O maior nome de Espanha no seu genero, que ontem arrebatou o publico em delirantes ovações, alternando com Antonhita Torres, artista coreografica de grande classe NO ECRAN—O filme parisiense A AMANTE DO MEU NOIVO, notavel interpretação de Spinelly

Amanhã e domingo: Grandiosas matinéas ás 15,30 e soirées ás 21,30.

Leiam as quintas-feiras o jornal humorístico o «SEMPRE FIXE»

Cultura cinematográfica

Filmes recomendados pelo Diário de Lisboa

Exibe-se esta semana em Lisboa um programa de cinema que permite aos espectadores avaliar sem esforço de memória o caminho percorrido pelo cinematógrafo desde a sua invenção até os nossos dias.

Neste se exhibe, ao lado dum dos mais recentes fonofilmes — e precedendo-o imediatamente, como mandavam as regras da boa programação — um precioso documentário em que um cineasta alemão, o dr. Martin Rikli, reuniu amorosamente, com uma segurança de critério e um apuro de gosto que denotam um verdadeiro artista de cinema apaixonado pela sua arte, alguns dos mais antigos e preciosos documentos do repertório cinematográfico mundial.

Intituiu-o, com seriedade e acerto, Os primeiros passos do cinema. Dizemos «com seriedade», porque, por um lado, ali se vêem, copiados do negativo original (ou, pelo menos, em contra-tipo de rara fidelidade), e na íntegra, os dois filmes que efectivamente foram os primeiros a ser executados por uma camera de filmar na sua forma definitiva, visto que os mais modernos aparelhos de Eclair, Debrie ou Bell & Howell só differem da «Camera Lumière», sua gloriosa antepassada, em pormenores puramente mecânicos.

Dizemos «com acerto», porque o documentário do dr. Rikli nos mostra realmente o balbuciar da arte das imagens, num conjunto que todos aqueles que, como nós, procuram impô-la e fazê-la compreender não podem deixar de ver com enternecimento.

Largo e acéso tem sido o debate entre os investigadores da historia do cinema acerca do nome a que deve attribuir-se a paternidade da maravilhosa invenção. Como sempre acontece, cada nação reivindica para si a honra de ter sido berço do genial inventor. As mais aguerridas na polemica são, naturalmente, aquelas três em que o cinema atingiu maior desenvolvimento: França, Alemanha e Estados Unidos da America do Norte. Mas, dentro de cada uma, estão longe de atingir a unanimidade os votos a favor deste ou daquele. A França hesita entre Etienne Marey, inventor da «espigarda fotografica» (1882), Emile Reynaud, inventor do «Teatro Optico» (1892), Demeny, com o seu «cronofotografio» (1892), e os Irmãos Lumière (Luiz e Augusto), que tiraram patente, a 13 de fevereiro de 1895, do primeiro «cinematogra-

Um programa edificante

fo», camera de filmar e aparelho de projecção.

A Alemanha defende com denodo o «Projector duplo» de Skladanowsky e o primeiro aparelho com «cruz de Malta» de Oscar Messter. Os E. U. A., as patentes de Jenkins e de Edison.

Mas a verdade é que o cinema, como aliás acontece noutros casos, não pode considerar-se uma invenção deste ou daquele, mas sim a resultante das mais diversas invenções, dos mais aturados estudos, das mais complexas experiencias.

O dr. Martin Rikli põe habilmente termo na questão, considerando que o cinema assenta em três pilares fundamentais: a «película perfurada» do americano Edison (1891), a «griffe» dos franceses Lumière (1894) e a «cruz de Malta» do alemão Messter (1896). Com ele concordamos plenamente. Essa doutrina, sendo mais racional, tem a vantagem de contentar gregos e troianos.

No mesmo filme, vemos ainda, é certo, uma série de 24 aparelhos fotograficos cujos obturadores são disparados pelo proprio modelo — um cavallo admiravel, montado por um soberbo equitador, que lembra o rei Jorge V de Inglaterra. Chamava-se tal dispositivo o «Taquiscópio» e os seus resultados eram, como podemos verificar, muito interessantes. Mas a sua tecnica difere tanto da da moderna cinematografia, que só a titulo de curiosidade é possível apontá-lo como precursor.

Esquemas clarissimos, animados, vão iniciando os espectadores na evolução da mecanica do cinematografo. O espirito de lumbrase perante aquelas provas cabais do humano engenho, e pasma de como podem morar no mesmo cerebro tão harmoniosas coisas e quem sabe que criminosas paixões.

Ilustrando a magestosa aparição da «Camera Lumière» (que nome predestinado, o de Lumière, posto que o cinema é, realmente, a arte magica da Luz!), assistimos como-videos a projecção do autentico primeiro filme: A saída das Fabricas Lumière em Lyon-Montplaisir. Os chapéus das operarias! Aquelle cão que salta, brincando com o homem do avental!... Depois, é a famosa Chegada do comboio de Vincennes à estação de La Ciotat. O operador (que foi o proprio Lumière) teve desde logo a noção do angulo justo, do perfeito enquadramento. E' impressionante a forma como o com-

boio atravessa o ecran em diagonal, tomando cada imagem mais imponentes as proporções da locomotiva! E o mais curioso é que, apesar do primitivismo da objectiva «Hennagis», as figuras que passam em primeiro plano estão perfeitamente focadas e sem deformação!

Ambos estes filmes figuravam no programma do primeiro espectáculo publico de cinema, realizado em Paris, na cave do Grand Café, em 28 de dezembro de 1896.

No curto filme de Edison, Na Taberna, que vemos a seguir, já é possível notar certos aperfeiçoamentos tecnicos. Realizado no estúdio envidraçado que o Magico de Orange possuía nos arredores de Nova York, já ha um assomo de representação, uns vislumbres de encenação. E' pena que não se chegue a ver a continuação da descordem que se esboça entre os dois clientes! Como seria curioso compará-la com as bagarres famosas de Harold Engravado, do Valente e do Terror dos Cabarets!...

A luz que o ilumina é ainda a natural, a luz do sol que atravessava as paredes e o teto transparentes, tamisados por estores, em tudo semelhantes aos dos ateliers dos fotografos. A luz artificial, empregada pela primeira vez na arena do Coney Island Club para filmar o match de box Jim Jeffries-Sharkey, a 3 de novembro de 1899, só mais tarde seria usada sistematicamente na filmagem de interiores. Foi aliás a necessidade de sol duradouro e brilhante, dada a insuficiencia do material luminoso e a pouca «velocidade» das emulsões, que o cinema — e os cinefilos... — devem a descoberta de Hollywood, recomendada em 1906 por Hobart Bosworth (um actor que ainda hoje representa) ao famoso produtor americano Selig. Lá se filmava em 1907 o Conde de Monte-Cristo (320 metros que resumiam, não imaginamos como, o famoso romance de Alexandre Dumas, que mais três vezes seria transposto para o ecran), actuando á manivela (como hoje se diz...) um operador chamado Thomas Persons e interpretando o protagonista um hipnotizador contratado em Los Angeles.

No admiravel filme do dr. Rikli (um dos mais preciosos da série cultural da Ufa), vemos ainda, segundo reza uma legenda, o primeiro filme alemão interpretado por actores profissionais. Gostaríamos de saber a data da sua realização pois, caso seja anterior a 1902 (o que não é de crêr), não

se deve a Edwin S. Porter, autor do Great Train Robbery (O Roubo do Expresso), como reza a tradição, o primeiro «grande plano», pois que ali vemos um. E o que dizer do grande plano dos pedais do tandem, num filme que se diz ser de 1897?...

Depois de nos mostrar algumas actualidades «comoventes» (o primeiro vôo de Wilbur Wright em Berlim, a visita dos Reis da Dinamarca, um dirigível em Lucerna, etc.), vemos então o mais sensacional: os primeiros fonofilmes, realizados em 1903!

Com que carinho a moderna célula foto-electrica rejuvenesceu os discos estafados, que um gramofone acustico, dos de campânula, reproduzia sincronicamente com as imagens mais pitorescas que pode imaginar-se!...

O prologo dos «Palhaços», o solo de cor-netim, a Aria das Jolas e, principalmente, o dueto de Giampetro e Fritzl Massarl (que ainda vemos em 1929 cantar uma insuplantável Viuva Alegre, posta em cena por Eric Marell, o realizador do Congresso que dança) — não podem deixar de nos fazer rir, como fizeram rir o publico. Mas que espantosa coisa, essa de ter havido ha mais de trinta anos a possibilidade de dar voz ás imagens luminosas sem que os produtores teimassem na senda que havia de conduzir o cinema á sua verdadeira emancipação como espectáculo!

Enfim: o filme de Martin Rikli é, de tudo o que se exhibe esta semana, o que recomendamos ao leitor. Comparado com a correctissima película que lhe sucede no programa, e a que o crítico do Diário de Lisboa já se referiu, na quarta-feira, com tão compreensível entusiasmo, (Noite de Maio, de Gustav Ucicky), é o que se chama um espectáculo edificante.

Não deve passar despercebida a maneira inteligente como foi sonorizado: simples acompanhamento de piano, musicas escolhidas com grande propriedade, o que não exclui um bem cabido e discreto humorismo musical.

E não podemos deixar de tirar a seguinte conclusão:

Contrariamente ao que se diz e escreve muita vez, os bons filmes resistem á acção violenta do tempo. Olhem a Saída das fabricas Lumière! Olhem a Chegada do comboio! Sómente, os bons filmes — como os bons livros, os bons quadros, etc. — nem sempre são aqueles de que gostam os seus contemporâneos...

RETARDADOR

BREVEMENTE

a
Agencia Cinematografica
H. DA COSTA, L.^a
tem a honra de apresentar
em LISBOA

A PRINCESA DAS CZARDAS

Uma sensacional cine-opereta da



com

MARTHA EGGERTH
a mais linda voz do cinema

Um filme que vai entusiasmar o publico pela beleza e pela perfeição da sua tecnica

Uma data na historia do fono-cinema

Nota: Os filmes «NOITE DE MAIO», e «OS 1.º PASSOS DO CINEMA», a que se refere RETARDADOR, exibem-se no SÃO LUIZ, e são apresentados pela

AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA

Na próxima 2.ª feira **Raul Lopes Freire** apresenta um exclusivo da **S. A. I. S. Filmes**

O Coração Manda

(BITTER SWEET, de NOEL COHARD)

com Fernand Gravey, Anna Neagle e Pat Patterson (Madame Charles Boyer)

UMA VERDADEIRA MARAVILHA

4 meses em exhibição em Londres!

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Cela dos Cardiais», «Rosas de todo o ano» e «Soror Mariana».
Gimnasio—A's 21 e 45—Variedades.
Avenida—A's 21 e 30—«Novos e Velhos».
Variedades—A's 20 45 e 22 e 45—«O aldrabão».
Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do Mundo».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Olympia—Das 14 e 30 às 24.
Palacio—A's 21 e 30.
Capitolio—A's 21.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvares Cabral.
Eden-Cinema—R. do Alívio, a Alcantara.
Sport Lisboa e Benfica—Secção cinematografica—Av. Gomes Pereira—Benfica.

DE LUTO

Eduardo Macedo

Por iniciativa de um grupo de amigos do saudoso cavaleiro tauromaquico Eduardo Macedo, realiza-se no proximo domingo ás 12 horas, a trasladação dos restos mortais para o jazigo do empresario Segurado no cemiterio do Alto de S. João.

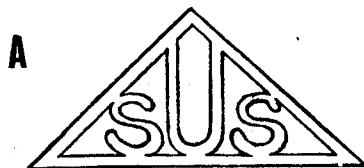
SUFRAGIOS

Rodrigo Lopes d'Oliveira

Por alma do sr. Rodrigo Lopes de Oliveira, reza-se amanhã, na igreja de S. Mamede, ás 10 horas e meia, uma missa, mandada dizer por sua familia.

Almoço de homenagem

Num dos restaurantes de Lisboa foi ontem oferecido pelo seu pessoal um almoço de homenagem á sr.ª D. Herminia Peixoto, proprietaria e directora da Agencia de anuncios «A Patria», o qual decorreu com grande entusiasmo.



Sociedade Universal de Super-Filmes, L.ª
que apresentou o celebre

UMA NOITE, ACONTECEU...

apresenta no POLITEAMA
2 filmes excitantes

A VOLTA DE RAFLES

e

A INTRUSA

com GENE RAYMOND
e CAROL LOMBARD
e vai apresentar

BREVEMENTE

O MELHOR
dos filmes musicais

Uma noite de Amor

TO DOS MAM DOY

aconselhados pelas maiores sumidades medicas.

As comemorações festivas do 1.º de Dezembro

Foi publicado um decreto determinando que o feriado nacional do 1.º de Dezembro deve ser observado em todo o território da Nação, sendo para todos os efeitos equiparado ao domingo ou ao dia excepcionalmente designado para descanso semanal.

No corrente ano, esta disposição só se aplica relativamente aos estabelecimentos comerciais e de venda ao público, com excepção das padarias.

No preambulo do decreto acentua-se que o ressurgimento da consciência nacional impõe que certas datas sejam comemoradas com solenidade e respeito, acrescentando que o dia 1.º de Dezembro está nessas condições porque foi dedicada à festa da Independência Nacional, e o Estado Novo tem o dever de manter bem vivo no coração do povo português o culto dos heróis e o sentimento sagrado da integridade da Patria.

O sr. sub-secretário de Estado das Corporações, atendendo a que se trata dum serviço de interesse publico, determinou que pudessem permanecer abertas amanhã as farmacias. Também foi autorizado, atendendo às razões expostas pelos interessados, que as casas de penhores estivessem abertas, somente das 20 às 22.

Pede-nos a direcção da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa que informemos o publico de que, em cumprimento do estabelecido oficialmente, os estabelecimentos comerciais e de venda, com excepção das padarias, não abrem amanhã, podendo, todavia, fechar hoje às horas regulamentares do costume encerramento aos sábados.

Concentração dos Sindicatos Nacionais

Amanhã, pelas 11 e 30, realizar-se-á, na Praça dos Restauradores, a concentração das direcções dos sindicatos nacionais e dos associados que queiram acompanhá-las, a fim de ser colocado um ramo de flores no monumento à Independência.

A tarde, os mesmos elementos irão a Torres Vedras assistir à inauguração da secção local do sindicato nacional dos Calceiros do distrito de Lisboa.

A GARRETT Largo do Chiapo, 9 e 11

Almoços completos de 12 e 16 Esc.
Jantares completos de 15 e 18 Esc.

O ex-príncipe das Astúrias

desmente a noticia do seu divorcio
PARIS, 30.—O ex-príncipe das Astúrias declarou a um redactor da United Press que são destituídas de qualquer fundamento as noticias postas a circular na imprensa estrangeira de que estava intentando uma acção de divorcio contra sua esposa. Acrescentou que a condessa de Covadonga partiu para Havana, unica e exclusivamente para solucionar uns negocios urgentes que ai tem a tratar e que regressará a Paris em janeiro do proximo ano, a fim de fazerem juntos uma viagem de recreio pelo Oriente.—(United Press).

Parques Infantis

E' amanhã, às 17 horas, que se inicia, no Aviz-Hotel, o primeiro «Snack-bar», que se prolonga pela noite fóra e cuja receita reverte a favor dos Parques Infantis.

A entrada é de 15\$00, pagando-se a mais o que se consumir.

A festa será abrilhantada pela orchestra chefiada por Almeida Cruz, sendo os pedidos feitos para o Aviz-Hotel.

Café Restaurant TAVARES

TODOS OS DIAS
CHA — COCKTAILS
CONCERTO — Reservam-se mesas

A Cidade

PROBLEMAS DE URBANIZAÇÃO

Como se fazia o transito em Lisboa e como se faz hoje

A conferencia do capitão Maia Loureiro

Realizou-se hoje, às 17 e 30, no salão nobre dos Paços do Concelho, a anunciada conferencia do sr. capitão Maia Loureiro, director da Policia de Transito, acerca de a viação em Lisboa.

Primeiramente, o sr. Pastor de Macedo, do Pelouro Cultural, que presidiu a conferencia, em virtude de se encontrar doente, o sr. engenheiro Carlos Santos, referiu-se á obra do sr. capitão Maia Loureiro com palavras de muito apreço, focando a sua acção em favor do transito citadino. Referiu-se ainda ao objectivo da Camara, promovendo este ciclo de conferencias.

O sr. capitão Maia Loureiro começou por declarar o seguinte: conferencia, implica composição de frase, estilo, linguagem correcta; palestra, dá-me a liberdade que preciso.

E depois: Estou seguro que dentro da modestia dos meus recursos, colabore na corajosa iniciativa de reconduzir Lisboa á sua condição de cidade.

A Lisboa, de que nos vamos ocupar era, em 1147, pequeno e inculto aglomerado de casas sementeas pela encosta que o castelo encimava, ufano da sua posição de privilegio.

Julio de Castilho focou o facto das ruas de Lisboa serem estreitas e tortuosas, e o cruzado Osberno, inglês de boa observação, afirmou: Vão os edificios desta cidade apertadissimamente, conglobados por forma que, a não ser nas ruas de maior transito commercial, não se pode encontrar avenida que meça para cima de 7 pés de largura (2 metros e 13).

E depois de ter focado a fisionomia da cidade, o orador passou a estabelecer o paralelo entre a rua e o transporte.

Entre os seculos XII a XV, o transporte não deixou rasto. Depois apparece-nos o palanquim e a liteira. Mais tarde, o coche trazido pelos Filippes, e, em seguida, a sege e o coche de rodado largo.

Verifica-se o seguinte: a Lisboa, de seiscentos oferecia nas relações entre a rua e o transporte motivo para promover sanções de exagerado rigor.

Passaram-se os anos. A sege fez epoca, percorrendo a Lisboa dos arcos dos Pregos, dos Barreiros, dos Cobertos, do Cais das Galeotas, e das ruas dos Espingardeiros, dos Latoeiros, do Pau Travesso, do Calça Frades e tantas outras.

O terramoto de 1755, que foi um mal, deu motivo á primeira reacção séria e louvavel contra a anarquia das construções alfacinhas.

Manuel da Maia delineou a reconstrução, que obedeceu a um plano, a linhas rectas e quadrangulares.

O capitão Maia Loureiro tem mesmo a seguinte frase: Fazemos a justiça de acreditar que Manuel da Maia não assinaria em 1700 e tantos o traçado do Bairro das Colonias e outros semelhantes—obras de 1900.

A evolução dos transportes no seculo XIX—«coupé», vitoria, caleche, «landau», aranha, «break», «phaeton», «mylord», tipola dos nossos dias—merce uma larga apreciação ao orador.

Pelo conferente, fica-se sabendo o seguinte: nos primeiros anos do seculo XX Lisboa tinha 356.000 habitan-

tes, os automoveis eram poucos, e os electricos atingiam a segunda centena. Hoje, ha 600.000 habitantes, 400 electricos, 7.000 automoveis, e o que é velho mantem-se e o que é novo parece velho.

Vista de olhos pela Lisboa de hoje

Maia Loureiro refere-se aos meios de transporte e aos funis da cidade, que existem actualmente.

O acesso difficil á gare dos comboios é focado. E a seguir, uma nota curiosa: Assisti ao desfile depois do Portugal-Espanha, no Estadio. Vi tantos condutores irritados e li tanto insulto nos olhares dos condutores e passageiros que quasi me julguei culpado daquele condenavel estado de coisas.

Depois, ouve-se a citação de numeros e numeros...

Das 4.025 carroças, em 1914, existem hoje 2.295. Em 20 anos foram-se reduzindo a metade.

A viação electrica inaugurou-se em Lisboa em 31 de agosto de 1901. Em 1905 existiam 219 carros electricos; em 1915, 301; em 1925, 339; em 1935, 405.

No tocante a automoveis: Em 1893, o sr.conde de Avilez exhibiu a primeira viatura automovel em Portugal. Os taxis surgiram em 1925.

Ha em Lisboa, actualmente, 5.000 automoveis ligeiros, 1.500 camionetas e 500 motos. Ao todo, circulam em Portugal cerca de 52.000 automoveis.

Eis o transito de algumas arterias da cidade, dado pelo orador que, pela sua situação, tem autoridade para falar: sobem a rua Garrett cerca de 3.500 automoveis, das 9 da manhã á 1 e 30 da noite. A média vai de 60 até 400 por hora.

A rua do Ouro recebe, a certas horas, 500 automoveis e 160 electricos.

A rua Augusta entrega ao Rossio mais de 600 automoveis nas horas de grande movimento.

Pela rua do Arco Marquês de Alegrete a velocidade tem de ser de «churrão rural».

Refere-se o orador depois aos funis da cidade, conforme sua designação—rua do Arsenal; rua do Arco Marquês de Alegrete, Almirante Reis e Misericórdia.

As ultimas palavras de Maia Loureiro apontam o remedio para a urbanização de Lisboa: E' preciso estabelecer o plano, sem tentar vestir Lisboa pelos figurinos estrangeiros.

A situação geografica a natureza do terreno, os ventos dominantes, as condições higienicas e as possibilidades economicas são circunstancias a considerar.

Rua curva ou rua direita, não devem ser obra do acaso, mas consequencia de estudos.

Rua larga, isso sim. Bem larga, para que o sol entre pelas janelas e com ele a alegria de viver.

«Predios de linhas sobrias para evitar arremedos de arquitectura barata e ridicula; proporcionados á largura da rua e jardins e parques, e deixai entrar a luz e o ar que, nesta cidade de sol maravilhoso e á beira mar plantada, falta-nos o ar.»

As ultimas palavras do orador foram sufocadas por uma grande salva de palmas, sendo o capitão Maia Loureiro muito cumprimentado e saudado.

No São Luiz: 3 grandes artistas — KATE DE NAGY, FERNAND GRAVEY e LUCIEN BAROUX
na lindissima comédia musical da UFA

NOITE DE MAIO

Viena no século XVIII! A cidade do Amor, no século do Amor!

Dr.ª Laurinda Alambre

Doenças das Senhoras. Partos

Rua Garrett, 74 s/l — Das 3 ás 6 — Tel. 20524
Largo Dr. Afonso Pena, 19 r/c — Das 12 ás 2
Telef. 48124

O «Dão» largou hoje para a experiencia de velocidade maxima

Largou hoje do Tejo, pelas 8 e 35, o novo contra-torpedeiro «Dão», que foi efectuar na costa a sua ultima experiencia, a de velocidade maxima, constituida por 6 horas consecutivas de navegação a 36 nós.

A bordo, seguiram, além da officialidade da missão de fiscalização e recepção do navio, numerosos officiaes da Armada convidados a assistir ás provas, os engenheiros Gago de Medeiros e Almir Martins, da Sociedade de Construções Navaes, representantes da Imprensa, etc.

O «Dão» saiu a barra pelas 9 e 30, passou em frente de Cascais e dobrou o cabo Raso, tomando o rumo do norte.

Cerca das 11 horas, foi recebido na Sociedade de Construções um radio de bordo, informando que o navio iniciara, pelas 10 e 45, a experiencia de velocidade maxima a 36 nós, navegando então pelas alturas do cabo Carveiro.

A prova deve terminar cerca das 17 horas, regressando depois o navio ao Tejo, onde deverá chegar pelas 19 horas.

A situação angustiosa dos vinicultores do Cartaxo

Uma comissão composta pelos srs. dr. Amor de Melo, tenente Miguel Centeno, José Francisco de Bona, Duarte José Lima e Trindade dos Santos, avisou-se hoje com o sr. ministro da Agricultura, a quem apresentaram uma bem fundamentada representação, em que chamam a atenção para a difficil situação que atravessam actualmente os viti-vinicultores das terras Altas do Baitro, no concelho do Cartaxo.

Os comissionados explicaram ainda as razões que têm contribuido para aumentar a crise em que ha tempos se debatem e terminaram por solicitar rapidas e energicas personalidades que os livrem da miseria que se avizinha.

O sr. dr. Rafael Duque, que ouviu com a maior atenção as explicações dos comissionados, prometeu estudar o assunto e resolve-lo com a maior brevidade e dentro da mais completa justiça.

Um invento português

utilissimo para as escolas

O coronel sr. Vitoria Pereira apresentou ontem aos representantes da Imprensa um trabalho curiosissimo da sua invenção: cartas topograficas e geograficas em tela, revestida de caucho vulcanizado e com tal sistema de coloração que podem ser lavadas um numero infinito de vezes sem prejuizo. São perfeitas e elucidativas como meio de instrução e muito portateis, pois caracterizam uma extraordinaria maleabilidade.

Trata-se de um trabalho que honra o seu autor e que marca mais um triunfo na sua intensa vida de trabalho.

O sr. coronel Vitoria Pereira verá, por certo, em breve, o seu invento adoptado nas escolas, onde representará, a par de uma ionvação valiosa, um motivo que proporcionará aos alunos o mais perfeito estudo de Portugal orografico.

E não só para as escolas, mas também para operações militares, viagens, etc., o trabalho do sr. coronel Vitoria Pereira constitui um elemento de consulta de grande valor.

Como de costume nos anos anteriores, não se publica amanhã o

Diário de Lisboa encontrando-se fechados os nossos escritórios e oficinas.

Maria da Conceição Vicente FALECEU

Clemente Vicente, seus filhos e mais familia, participam o falecimento de sua chorada esposa, mãe e parenta e que o seu funeral se realizou amanhã, 1 de dezembro, sendo o prestito fúnebre da Rua de Artilharia n.º 1, 67, 2.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Escrita á MaquinaEnsino individual, rapido, economico no
nosso escritorio.**ESCOLA COMERCIAL PORTUGUESA**

POR CORRESPONDENCIA

Rua do Arsenal, 54, 3.º-LISBOA

A Cidade

**RADIO
EUROPA**

REPARAÇÕES

T. S. F.

O LABORATORIO

mais completo do pais

R. Augusta, 75, 1.º-LISBOA

Um casal de artistas

confia-nos as suas impressões
de viagem pelo estrangeiro

D. Manuela Porto e Roberto Araujo Pereira, simpático casal de artistas, regressou ha dias duma larga viagem de estudo pelo estrangeiro. Ela, aluna laureada do Conservatorio de Arte Dramatica, interessou-se naturalmente pelo teatro. A sua delicada sensibilidade, onde ha uma aspiração viva de beleza, procurou e sentiu as manifestações plasticas espectaculares que, neste momento, empolgam as grandes metropoles europeias. Ele, pintor, desenhador, ilustrador, investigou, sobretudo, a arte do livro, no seu aspecto decorativo. O roteiro foi curioso e divagante: Madrid, Paris, Londres, Bruges, Gand, Anvers e Bruxelas. Roberto Araujo Pereira confia-nos primeiro as suas impressões:

—Fui estudar as tecnicas que relacionam com a arte do livro. Uma bolsa de Junta de Educação Nacional, concedida depois dum concurso em que fui apurado permitiu-me completar os conhecimentos dessa materia tão difficil, como curiosa, que, em Portugal, tão raros cultores conta. Interessei-me muito pela illustração: a gravura em madeira e a litografia.

Um tempo. Depois:

—A gravura em madeira, em França, está em pleno apogeu. Como sabe, a tecnica da gravura tem por origem a estampa japonesa. A materia dá-lhe uma expressão singular—que os artistas modernos, com grande liberdade, procuram desenvolver, criando, de facto, pequenas maravilhas de intuição e de expressão. Lá fora hoje o artista é que grava o seu proprio desenho, empregando, por vezes, oito madeiras diferentes, cada uma com a sua cor. Assim trabalha Dagnan-Bonnet. O seu escrupulo é tão grande que chega primeiro a pintar a oleo as gravuras que reproduz na madeira. Vi muita coisa bella. O livro de arte, de exemplares restrictos, tem hoje uma imensa procura. Como a musica, todas as artes se fundem nele—em realidade ou em suggestão. Recordei uma exposição magnifica que vi em Londres, onde figuravam as 50 melhores especies livrescas produzidas durante o ano. Illustrações lindas, mas não superiores aos que se fazem em França. O livro de arte, feito manualmente, reage sobre as expressões puramente graficas, mecanicas, que nos vêm da Alemanha. A minha viagem foi util. Em breve, espero illustrar uma obra de meu pai e realizar uma exposição.

«Por seu turno, D. Manuela Porto, dá-nos sinteticamente as suas impressões de teatro: —Tudo quanto era *avant-garde*, Batty, Coppéaux, Jouvet, me apaixonou. Não esqueço, porém, o *Anfitrião* 38, de Giraudoux, num *mise-en-scene* plastico de Cassandre, cartazista, que veio dar aos palcos modernos uma orientação ainda mais avançada de esteticismo.

A representação tende cada vez mais para a simplicidade, para a síntese. O excesso de realismo, de dinamismo, por vezes, caricatural, desapareceu. Na *mise-en-scene* ha a preocupação das três dimensões. Volumens, cenários construídos. Em Londres vi a *Tempestade*, de Shakespeare. As figuras dramaticas quasi não tinham movimentos. Não mais esquecerei esse espectáculo de suprema beleza. Admirei e aprendi muito até me encher, fátiga de beleza.

Desastre de viação

Na rua do Alecrim, perto da praça Duque da Terceira, foi esta manhã atropelada por uma camioneta, que desola em experiencia, Laurinda da Gloria Martins, de 16 anos, moradora na mesma rua. Conduzida ao hospital de S. José, verificou-se que soffrera o esmagamento de ambas as pernas, ficando na sala de observações, em estado grave. O atropelamento deu lugar a grande aglomeração de gente no local do desastre, sendo necessaria a intervenção de alguns guardas para dissolver o ajuntamento.

Restaurante Roma

Este conhecido Restaurante da Rua do Mundo 100-104 serve no seu amplo salão almoços a Esc. 7400 e jantares a Esc. 8450.

Os melhores serviços em salas reservadas no primeiro andar. Recebe comensais. Telefone 2 4273.

A JUSTIÇA DE OLHOS VENDADOS

Como se denunciavam pessoas honestas

por crimes que nunca cometeram

Agentes convertidos em carcereiros

O Tórel é um assunto inesgotável. Em successivos artigos temos focado os multiplos aspectos pitorescos da nossa Policia de Investigação. A começar no edificio, que nada tem que o recomende até a maneira como estão montados os serviços, tudo aquilo está a pedir reforma urgente e decisiva. O pessoal não chega. Dos sessenta agentes que constituem, nominalmente, o activo, apenas dois terços estão aptos a trabalhar com a intensidade que tão exaustiva e difficil profissão exige. O outro terço é empregado em situações inferiores á sua categoria, como seja a de carcereiros dos calabouços do Tórel. Isto é deprimente e presta-se a confusões. Com que autoridade esses agentes que fazem de guardas, interrogam depois os presos nas respectivas secções? Já tem sucedido serem insultados, vexados, pelos exemplares do crime que ali vão parar. Este inconveniente facilmente se remediava, se fossem requisitados ao Commissariado do Desemprego, agentes auxiliares, a exemplo do que fez a Policia de Segurança.

Um dos «cancros» do Tórel é a denuncia. A denuncia sem consistencia, por vingança, por acinte. Neste genero ha casos edificantes, dois dos quais merecem ser narrados. Ha tempo appareceu na Policia uma «senhora vizinha» a dizer que, em tal rua, numero tantos, houvera um crime de aborto. E disse o nome da «criminosas». Uma senhora respeitavel, mãe de cinco filhos, em vespuras do sexto. O agente desconfiou da veracidade das informações que lhe eram prestadas. Pôs de remissa a queixa. Mas três dias depois, a denunciante voltava á carga, informando com grande copia de pormenores, que a criminosa estava preparando as malas para fugir para a provincia. O agente, já abalado, correu a casa da tal senhora. A custo reprimiu o riso. Estava no seu estado interessante. Mas tinha de cumprir o seu dever. Podia não ser assim. Quem lhe garantia que não se tratava duma comedia? As mulheres engordam ou emagrecem conforme querem. Questão de roupa. Trouxe a acusada para o Tórel, onde depois de a submeter a um ligeiro interrogatorio, concludente de negativas, a enviou ao Instituto de Medicina Legal. A resposta não se fez esperar. A patria podia contar com mais um filho. O caso, claro, acabou no ridiculo. No entanto, pergunta-se: por que não se chamou á responsabilidade a torpe denunciante, que assim jogava com a honra alheia? A liberdade foi o premio da sua infame denuncia.

Ateneu Ferroviario

Foi aprovado o Estatuto do Ateneu Ferroviario, Associação Cultural do Pessoal da C. P., cuja inauguração official se realiza no proximo domingo.

A assistencia a estes actos é reservada a empregados da C. P. e suas familias, mediante apresentação dos bilhetes de identidade, e a convidados.

Na secretaria do Ateneu acha-se aberta a inscrição para frequencia das aulas de português, francês e de musica e da classe de ginastica infantil.

As inscrições fazem-se todos os dias uteis, das 18 ás 20 e das 21 ás 23 horas.

Outro caso pitoresco. Um individuo que aluga quartos quer despedir um determinado hospede. Mas é-lhe difficil. O homem paga escrupulosamente. Não dá escandalo. Enfim é normal e pacifico como qualquer português comum. Então, o que inventa? Que o hospede lhe roubou um precioso violino, naturalmente algum Stradivarius datado. O homem é preso, mas por mais que o agente encarregado do caso indague, investigue, procure, o instrumento não aparece. O preso, cinicamente, ha-os assim, mantem-se na negatividade. Berra a sua inocencia de tal maneira, que é posto em liberdade, não sem ter deixado primeiro o cadastro no Posto Antropometrico.

Passa-se um mês, e um dia, o agente por acaso, passa na rua do queixoso. Uma hora sossegada, de pouco transitado. Um tango fatal, instrumentado num violino, desperta-lhe a atenção.

—Querem ver que o patife me enganou!

De facto, tinha-o enganado. O violino não fôra roubado. Estivera sempre nas mãos do pseudo queixoso, que inventara aquele «truc», simplesmente para pôr na rua o pobre homem. Casos como estes, se não são ás centenas, são ás dezenas. Hoje por dá cá aquela palha, qualquer vexa o seu semelhante, acusando-o de buria, de abuso de confiança, de faltas de pagamento, etc., todo o quadro negro do crime, que a lei severamente reprime e pune.

Será do edificio? Lá que ele é mau, sem duvida, mas que tenha fatalidade não nos parece. No entanto, insistimos em dizer, que de maneira nenhuma não possui condições que satisficam. A velha frase, o Rossio na Betesga, tem nele um exemplo flagrante. Ha que avenge, enquanto se não constroir um edificio capaz, que sirva a sua função, transferir a P. I. C. para o antigo imovel do Credito Predial, na Sé, e as tropas de comunicações que se encontram ali instaladas, para o palacio do conde de Castro Guimarães. A troca beneficiava os dois organismos. A Policia ficava na Baixa, perto do Limoeiro, do Governo Civil, do Hospital de S. José, Boa Hora, Correios, Cabo Submarino—centros nervosos de que ela se pode considerar a espinhal-medula. Por seu lado as tropas de comunicações occupariam um magnifico posto estrategico como é o Tórel, donde se domina toda a cidade—e que já mais duma vez foi utilizado para fins bellicos. A ideia tem fundo, e nada se perde em estudá-la. Tudo, menos conservar a Policia no Tórel, tal como está!

Coelho Neto não morreu?

A noticia da morte do escritor brasileiro Coelho Neto foi dada antontem, ás 22 e 30, por uma emissora official do Rio de Janeiro, que trabalha em onda extra curta e que se ouve perfeitamente em Lisboa.

O locutor, annunciando a morte de Coelho Neto, acrescentou que estavam de luto as letras brasileiras, fazendo o elogio do egregio escritor, acompanhado da lista das suas principais obras.

Até agora, nem as agencias telegraficas nem as entidades diplomaticas confirmaram ou desmentiram a noticia.

O inverno é propicio

aos roubos de sobretudos
gabardines e chapéus de chuva

Ultimamente têm apparecido na Policia de Investigação Criminal pessoas a queixar-se de furtos de gabardines, chapéus e sobretudos, sem que até agora se saiba quem são os autores de tais proezas.

O sr. Antonio Gonçalves Gomes, por exemplo, ficou sem o sobretudo que tinha no bangaleiro da Pensão Tomarense; o mesmo succedendo ao sr. Henrique Soares Oliveira, que se encontra hospedado na Pensão Laranjo.

Na Pensão Liz, porém, foi onde os gatunos fizeram maior colheita. O sr. José Campos Patrio, ali hospedado, ficou sem a gabardine; outro hospede, o sr. Pedro de Almeida ficou sem outra e um individuo de nacionalidade alemã de apelido Berne, ficou sem o proprio chapéu.

O sr. Julio Martins Alonso, que se encontra hospedado na Pensão Restauradores, ficou, á falta de sobretudo ou de gabardine, sem uma caixa de madeira com três figuras de arte.

Os agentes Robalo e Vasconcelos foram encarregados de descobrir os gatunos.

Na Casa Alcobia tambem os gatunos furtaram uma colcha de seda avaliada em 2.000\$00.

E o mais curioso deste ultimo caso é que o autor do roubo foi empenhara colcha numa casa de penhores da rua de S. Paulo, enviando depois a respectiva cautela á casa roubada.

O avião «Dili» cobriu hoje

uma «étape» de 1.328 quilometros

Na sua viagem de refresso de Timor, o tenente Humberto da Cruz venceu hoje duas «étapes»: Akiab-Calcutá e Calcutá-Allahabad, num total de 1.328 quilometros.

O avião «Dili» aterrou sem novidade naquella ultima cidade, pelas 18 e 30 (hora local).

Furto numa ourivesaria

O agente Miguel, da P. I. C., está procedendo a investigações acerca de um furto de 3 relógios e de um fio de ouro, no valor de 1.400\$00, de que foi vitima o sr. Vicente Emilio Pinto dos Santos, dono duma ourivesaria na rua da Boa Vista, n.º 100.

O referido agente já conseguiu apreender um dos objectos roubados, que estava empenhado numa casa de prestamista.

Atropelamento mortal

Na sala de observações do hospital de S. José faleceu hoje de manhã o sr. Simão José Barbosa, secretario de circumscrição do quadro administrativo das Colonias, com residência na avenida Almirante Reis, 60-D, 3.º, que ontem á noite fôra colhido por um automovel.

O «chauffeur» foi preso.

Homenagem a um sacerdote

Amanhã, ás 15 horas, realiza-se no ginasio do Colegio Vasco da Gama, a festa de homenagem ao sr. conego dr. Martins Pontes, em comemoração da passagem do 22.º anniversario da sua estada, como paroco, na freguesia de S. Jorge de Arroios.

Viajantes

No avião da Aero-Portuguesa, parte amanhã para Marrocos, onde vai colher impressões para um livro prestes a publicar, o distincto advogado e nosso colaborador sr. dr. Herlander Ribeiro.

Teatro Nacional

Domingo—Matinée

as 15 e 30

A CONSPIRADORA

com PALMIRA BASTOS e um magnifico
conjunto de toda a Comanhia

Não havendo espectáculo nocturno devido á sessão de propaganda politica, as pessoas que não saíam á noite poderão admirar na malinée aquella magnifica peça.

No TIVOLI: um grande espectáculo de alegria!

A NOITE DE «RÉVEILLON»

com os grandes artistas de Paris:

HENRY GARAT, MEG LEMONNIER e DRANEM

Fabrica da Borracha Luso-Belga

de VICTOR C. CORDIER, Lda
Rua das Flores, 136 - PORTO
EM PRETO E CASTANHO

Rua do Assucar, 78 - LISBOA
Rua da Prata, 275-277
EM PRETO E CASTANHO



Sapato para senhora «Lusbel»

Apresentam
uma revolu-
ção na in-
dústria
do Calçado
para inverno

MARCA
LUSBEL
simili-coiro



Sapato para homem «Lusbel»

Engraxa-se como qualquer calçado de cabedal. Preço de: Esc. 30\$00 a Esc. 32\$50. A' venda em todas as casas da especialidade

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Como toda a gente para viver precisa comer

a toda a gente interessa saber que:

para substituir a banha

a 7\$20 — o kilo — ha á venda nos Deposito da CUF

Niveina a 3\$90 - o kilo

para substituir o azeite

a 6\$40 — o litro — ha á venda nos Depositos da CUF

Oleo de Mendobi a 4\$20 — o litro

ESCLARECENDO

A NIVEINA substitue com vantagem a banha em todas as suas aplicações.

Só compra banha cara quem quer.

O OLEO DO MENDOBI substitue o azeite em todas as frituras.

Só usa azeite para frigar peixe quem nunca o frigiú em oleo de mendobi.

BREVEMENTE nos nossos Depositos de vendas vamos frigar peixe em oleo de mendobi na presença do publico para este vêr, provar e crêr na qualidade e vantagens deste oleo.

A unica deleza do Publico que precisa alimentar-se e não pode nem deve pagar preços excessivos é

Comprar NIVEINA e OLEO DE MENDOBI

Todas as mercearias, legalmente, podem e devem vender estas gorduras.

Depositos de vendas ao publico:

L. de S. Domingos n.º 5
P. do Camões n.ºs 44 e 45
Trav. do Corpo Santo n.º 28
L. das Fontainhas n.º 5
R. dos Ouradores n.ºs 158 a 170
R. Fernão Lopes n.º 12 (ao Matadouro)
R. Carvalho Araújo (frente ao mercado)

COMPANHIA JATIS DE FERRO DE LISBOA OLEO PRETO PARA EIXOS

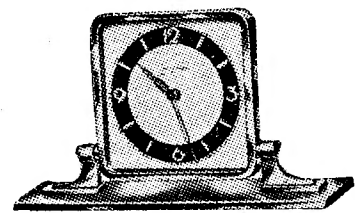
Esta companhia recebe propostas, em carta fechada nos seus escritorios, em Santo Amaro, até ás 18 horas do dia 5 de dezembro de 1934, para o fornecimento de 100 barris de oleo preto para eixos, postos nos seus armazens da Bica.

As propostas devem ser entregues acompanhadas das respectivas amostras, e o prazo do fornecimento é immediato.

Lisboa, 29 de Novembro de 1934.

A Direcção

O DIÁRIO DE LISBOA e SEMPRE FIXE vendem-se no Porto na casa Manuel da Silva P. — Praça da Liberdade.



A par da originalidade e elegancia de modêlos, a perfeição tecnica e a modicidade de preços

OS DESPERTADORES DO

Torroaes

IMPÕEM-SE

119, R. da Prata, 123 Telefone 2 4210



Folhetos Explicativos, distribuem-se gratis, a quem os pedir á casa Carl Zeiss, JENA ou ao representante em Lisboa. Gustavo Triebels, R. da Madalena, 133-1.

Contra a fadiga dos olhos, originada pela luz artificial:

**VIDROS
ZEISS
URO-PUNKTAL**

Dão um tom agradável, semelhante á luz do dia, diminuindo a percentagem excessiva dos raios Ultra Vermelhos

VIDROS
UMBRAL,
URO-PUNKTAL
e PUNKTAL ZEISS

na casa especialista

Coelho Duarte

Rua Eugénio dos Santos, 48 a 52



A Morte vigiará o seu leito enquanto o seu quarto não for Higienico.

Pinte-o com MURALINE a liso ou a rôlo, imitando os papeis pintados.

AGENTES GERAIS:

Mário Costa & C.ª, Lda, — PORTO

AGENTE EM LISBOA

A. Guimarães — Av. Duque de Loulé, 91, r/c., Esq. — Tel. N. 7290

Depositarior: Albano Garcez, Rua do Comercio, 12 a 14. Centeno & Neves, Lda, Rua da Prata, 204 a 206. Drogaria Tejo, Rua de S. Paulo, 74 a 76.

OS VIDROS
“ZEISS”

Vendem-se na Casa Rodrigues Oculista

Rua da Prata, 142-146
LISBOA

VIDROS
PUNKTAL
“ZEISS”

Ha sempre bom sorriso no Oculista do Chiado Ramos & Silva, Sucs.

R. Garrett, 63 — LISBOA

9.ª vara civil

Por esta vara, 3.ª secção, correm editos de 8 dias, a contar da ultima publicação legal, citando os credores e a falida V. J. Sousa Moreira, Lda, para dentro do prazo de 5 dias, depois do prazo dos editos, dizerem acerca das contas apresentadas pelo administrador da falencia, Armenio da Costa Monteiro, Lisboa, 15 de Novembro de 1934. O juiz de direito, Artur S. Leal.

LENHAS

SOBRO, AZINHO E PINHO

Rachadas próprias para fogões os melhores preços de mercado:

PINAS e CUBOS para carroças e maços para calceteiros.

Pedidos a

ANTONIO F. DA CRUZ

Rampa dos Marinheiros, 10-12

T. 2 4867

Em frente á Rua Tenente Valadim

COMO O OSORIO RECOBROU A ESTIMA DA ESPOSA



ENTÃO? ESQUECEU-SE DE FAZER A BARBA HOJE?

QUAL, NADA! SEM QUE ME BARBEIE. MAS AS LAMINAS BARATAS SÃO COMO ARCOS DE PIPI...



NÃO QUERO MAIS SABER DE LAMINAS DE IMITAÇÃO. DESEJO FAZER A BARBA DE FACTO. QUERO LAMINAS GILLETTE LEGITIMAS!

CONVENCEU-SE, HEIN? SEMPRE LHE DISSE QUE AS GILLETTE ERAM AS MELHORES!



AGORA, NINGUEM MAIS DIRÁ QUE ME ESQUECI DE FAZER A BARBA! VEJA QUE MACIEZ!

... COMO QUANDO ERAMOS NOIVOS!



BARBELINO AFFIRMA:

Não se contente com barbas feitas pela metade:

BARBEIE-SE DIARIAMENTE com uma Gillette legitima

Barbear-se em casa com uma GILLETTE não é um luxo dispendioso. As laminas GILLETTE são as de menor custo embora o seu preço de venda seja um pouco mais alto que o das imitações, sempre inferiores. São feitas de aço especial cuidadosamente temperado, e conservam os fios agudissimos, mesmo depois de um grande numero de barbas feitas. Cada

barba feita com a GILLETTE, portanto, custa menos que as obtidas com outras marcas. Exija GILLETTE legitimas. JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.ª, L.ª

75, Rua da Conceição, 1.ª — Lisboa

Gillette

MUSICA

Manuel Benjamim

Passa hoje o 84.º aniversário natalício de Manuel Benjamim, que atingiu em vida o 82.º aniversário com um entusiasmo por tudo que tem beleza e bondade, e uma lucidez que muitos «novos» podiam invejar.

Do tempo que passa e a todos leva, parece que sempre perdura com uma insistência consoladora uma faixa luminosa, feita de todas as boas vontades e de todas as inteligências que contribuíram de qualquer forma para dignificar a existência. Assim, todos os encontros de lembrar e fixar a sua memória é um grato, dever, e outro grato dever é acompanhar na medida do possível aqueles que sobrevivem, depois de ter compartilhado irremediavelmente de todos os sofrimentos e de todas as lutas de quem desapareceu.

Aqui fica pois a nossa homenagem, com a certeza de que muitos se associam a ela, na recordação saudosa que deixou o simpático velhinho, tão popularizado pela sua brilhante carreira.

FRANCINE BENOIT

Cantos da Sardenha

No próximo domingo, às 16 horas, realiza-se na Universidade Popular Portuguesa, na rua Luiz Derouet, mais um concerto organizado pela sr.ª D. Ema Romero Santos Fonseca da Camara Reis, que é dedicado aos «Cantos da Sardenha» e será precedido de uma conferencia pelo professor sr. Emilio Costa.

TAUROMAQUIA

Escola de toureio

No próximo domingo, reabre às 14 horas, na praça de touros do Campo Pequeno, a escola de toureio que ali funciona há anos. Os antigos professores dessa escola Antonio Carvalho, falecido recentemente, e Alfredo dos Santos, ausente, serão substituídos por Malagueño e Mario dos Santos.

Gremios regionalistas

No próximo domingo realiza-se no Gremio d. Trás-os-Montes a primeira «matinée» dansante desta época.

As duas sessões de hoje e as grandiosas «matinéas» de amanhã e de domingo com «O Fim do Mundo» no Coliseu

E' inútil procurar, visto que não se encontra entre nós espectáculo algum que se possa equivar ao da deslumbrante fantasia «O Fim do Mundo» que fez do Coliseu, todas as noites, o ponto de reunião preferido da população da capital e até mesmo dos que residem fora de Lisboa. Hoje realizam-se duas sessões com esta famosa peça moderna, que é apresentada em moldes de absoluta novidade em Portugal, cheia de encanto, de «Cantadeira de fados» alegria, de vivacidade e animação e assim-



brando pela fulguração dos seus cenários, apoteoses e guarda-roupa. Amanhã, dia de feriado nacional: «matinée», às 15 e 30. Depois de amanhã, domingo: nova «matinée».

6.000 contos -- NATAL

A' venda na

CASA NOVA

de GUERREIRO MATIAS & CAIADO, Lda.

RUA AUGUSTA, 40

Bilhetes, 1 600\$00; Vigésimos, 80\$00; Cautelas, 21\$00

PARA O ANO NOVO

Bilhetes, 410\$00; Decimos, 41\$00; Cautelas, 21\$00

Lotarias semanais

Bilhetes, 170\$00; Meios, 85\$00; Decimos, 17\$00

Pelo correio mais Esc. 1400

As frieiras

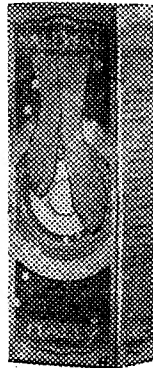


um dos mais hor-
riveis flagelos que
nos traz o frio, de-
saparecem rapida-
mente com banhos
quentes de

NALLYSAL

Banho
balsamico

(à base d'oxigénio)



Incomparavel para suavizar as dores dos pés ma-
goados e inchados. Emoliente para os calos e ca-
losidades. Sem rival para destruir as terríveis
frieiras

Maneira de usar:

Desf: zer uma colher de sopa de NALLYSAL em
cerca de dois litros de agua quente e mergulhar os pés ou
as mãos neste banho durante 10 minutos.

Um pacote de 250 gr. dá 12 a 15 banhos

NUMEROS PREMIADOS NA LOTARIA DE HOJE

1032 400.000\$00
4505 30.000\$00
7497 10.000\$00

1031 (Aprox. ao 1.º premio) 2.590\$00
1032 2.590\$00

Premiados com 1.000\$00

361 1964 2379 3336 4320 6505 7043
7237 9126 9329

Premiados com 500\$00

202 497 518 1016 1029 1689 1744
1886 2205 2404 2957 3016 3046 3050
3375 3444 3596 3826 4259 4615 4649
5071 5370 6030 6252 6425 6549 6617
6660 6670 6825 6949 7031 7394 7545
7571 7891 7925 8401 8643 9479 10141
10204 10210 10264 10292 10295 10379
10413 10487

Premiados com 320\$00

DEZENA

26 33 59

CENTENA

114 173 227 428 450 471 541 576 591
602 612 621 661 665 695 731 733 759
846 913 914 941 969

MIL

1042 1068 1072 1077 1099 1169 1174
1183 1214 1387 1397 1399 1404 1451
1492 1497 1500 1557 1561 1596 1606
1630 1645 1655 1703 1751 1777 1778
1813 1845 1942 1966 1980

DOIS MIL

2007 2017 2066 2080 2097 2145 2180
2223 2244 2250 2284 2269 2456 2482
2509 2516 2605 2625 2638 2688 2760
2837 2915 2933 2991 2994

TRES MIL
3027 3111 3131 3135 3136 3144 3145
3154 3159 3161 3171 3203 3219 3222
3346 3411 3426 3458 3467 3518 3558
3629 3725 3755 3861 3863 3887 3917
2948 3998

QUATRO MIL
4027 4033 4055 4071 4093 4110 4143
4204 4207 4209 4216 4265 4268 4348
4382 4432 4460 4516 4571 4605 4674
4741 4768 4841 4857 4880 4890 4956
4964 4976

CINCO MIL
5003 5039 5083 5084 5097 5148 5160
5163 5164 5175 5176 5215 5296 5367
5371 5436 5458 5496 5589 5592 5610
5683 5690 5734 5770 5940 5965

SEIS MIL
6013 6019 6084 6085 6088 6092 6108
6121 6213 6244 6247 6253 6302 6331
6341 6346 6399 6403 6426 6465 6577
6619 6659 6723 6775 6803 6811 6814
6866 6889 6890 6926 6928 6977

SETE MIL
7067 7115 7116 7157 7186 7259 7294
7319 7322 7337 7339 7371 7393 7490
7501 7519 7579 7711 7761 7763 7766
7846 7855 7868 7874 7903 7974 7978

OITO MIL
8024 8084 8240 8394 8452 8494 8639
8683 8701 8708 8721 8744 8769 8824
8864 8911 8948 8977

NOVE MIL
9023 9095 9197 9202 9225 9234 9255
9294 9296 9304 9371 9403 9420 9423
9438 9500 9608 9633 9637 9676 9723
9737 9817 9885 9956 9992

DEZ MIL
10080 10156 10192 10231 10253 10325
10464

Os numeros cuja terminação (unidade) seja em 1 — 2 — 3 têm
o premio de 180\$00, alem de qualquer outro que lhes
caiba no sorteio

FESTAS ASSOCIATIVAS

O Campolide Atletico Clube inaugura, de-
pois de amanhã, domingo, as suas festas de
inverno, com uma «soirée» de gala, em que
toma parte a «Blue Jazz Orquestra».

A direcção oferece um chá às senhoras que
assistirem á festa.

—No Centro Escolar Republicano «Almi-
rante Reis» realizam-se, amanhã e depois,
as festas para inauguração dos grandes me-
lhoramentos com que a direcção acaba de o
dotar.

—Realiza-se hoje, no Sindicato dos Tou-
reiros Portugueses, o anunciado baile a fa-
vor da Associação dos Bombeiros Voluntarios
da Ajuda (Cruz Verde).

As marcações de lugares fazem-se na sede
daquella benemerita colectividade, na praça
da Alegria.

Casa Pia de Lisboa

Os antigos alunos da Casa Pia de Lisboa
que concluíram, em 1914, o curso do co-
mércio e de telegrafo, comemoram amanhã
o 20.º aniversário da sua entrada na vida
prática, com varias celebrações, entre as
quais avulta uma romagem ao cemiterio do
Alto de S. oão, ao jazigo do seu saudoso di-
rector sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira, e um
banquete de confraternização a que assistem
a direcção actual da Casa Pia e o seu an-
tigo director, sr. Alfredo Soares.

A's 10 horas irão todos aqueles antigos
alunos cumprimentar, em Belem, a direcção
da Casa Pia.

Conferencias

A sr.ª dr.ª Laurinda Alambre realiza ama-
nhã, ás 20 e 30, na Associação Mutualista
do Passoa! Menor dos Correios e Telegrafos
de Lisboa, uma conferencia acerca de «O
Mutualismo nos Correios e Telegrafos».

V Exposição de Radio e Electricidade

No Palacio do Parque Eduardo VII, rea-
liza-se amanhã, ás 16 horas, a inauguração
da V Exposição de Radio e Electricidade, a
que assiste o Chefe do Estado.

Vida artistica

Realiza-se amanhã, ás 15 horas, na Socie-
dade Nacional de Belas Artes, a inaugura-
ção da Exposição de pintura, escultura, ar-
quitectura e cartaz.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Amélia Martins Ferrão de Melo
e Castro, D. Meia Mousinho de Albuquerque,
D. Maria Narcisca de Meneses, D. Laura
de Brito e Cunha, D. Hortense Furtado de
Castro, D. Branca de Brito e Cunha, D. Ma-
ria Domingas da Velga Pinto Quirino da
Fonseca, D. Julia Machado da Silva e D.
Lucia Amélia Lopes de Carvalho.

LEANDRO

Pédicure - Especialista

Diplomado E. F. O. M. de Paris

Calosidades em geral - Unhas encravadas
e cornos - Infecções. Preços de 15\$00 a
25\$00 conforme o tratamento

Avenida da Liberdade, 247, 1.º c. D.

TELEF.: N. 2994 - AUTOMATICO 4.6811



Secretaria Judicial da 5.ª Vara de Lisboa

ANUNCIO

Pelo Juizo de Direito da quinta vara
da comarca de Lisboa, cartório da se-
gunda secção, correm editos de trinta
dias a contar da segunda e ultima pu-
blicação do presente anuncio citando o
reu Albertino Henriques, comerciante,
da Rua da Esperança, n.ºs 166 a 172,
desta cidade, para no prazo de oito
dias, findo o dos editos, impugnar, que-
rendo, a acção com processo sumarís-
simo que lhe move a Firma Carvalho
& Souza Limitada, com sede na Rua de
S. Julião, n.º 30, 1.º andar, também desta
cidade, devendo, caso impugne, dar
cumprimento ao preceituado no artigo
125.º do Decreto n.º 21:287.

Lisbõa, 23 de Novembro de 1934.

O Escrivão da 2.ª secção

Pedro Couceiro da Costa

Verifique a exactidão

O Juiz de Direito da 5.ª vara

Ernesto Nunes Lobo

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

**Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**TODOS OS GEN. ROSE PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE NUNCA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON e PALACIO
O enorme exito do filme
A Canção do Amor
com JOSEPH SCHMIDT

O governo inglês subsidia a Marinha Mercante

LONDRES, 30.—Foram publicados esta manhã os planos do governo para pagamento dos subsídios à marinha mercante e os que se referem a diversas modificações a introduzir nos projectos de construções navais até agora em vigor. Os empréstimos feitos para a construção de barcos de carga modernos não excederão 10 milhões de libras, representando aproximadamente 1 milhão de toneladas. Segundo o mesmo plano, nenhum empréstimo será concedido após dois anos da entrada em vigor da nova legislação. As modificações a introduzir nos planos de construção são as seguintes: os armadores só podem inutilizar duas toneladas por cada tonelada construída e uma tonelada por cada uma modificada; os armadores podem comprar, de firmas estrangeiras, barcos para sofrerem as necessárias transformações. O primeiro subsídio de 1935 só será pago a navios registados em portos do Reino Unido desde o começo do ano de 1934. Os barcos utilizados para transporte de carnes congeladas e com acomodações apropriadas para esse fim não têm direito a qualquer subsídio. Por outro lado, o governo propõe a nomeação dum comité que aconselhará o Board of Trade na distribuição dos subsídios. Os armadores, de acordo com o pedido do próprio governo, submeteram a este varias propostas relativas ao subsídio.—(Havas).

Abriu a Dieta austriaca

que honrou a memoria de Dollfuss

VIENA, 30.—Realizou-se hoje a primeira sessão da Dieta Federal. O presidente da assembleia e o chanceler Schuschnigg lembraram a obra de Dollfuss «cuja lembrança continua a pairar nesta Camara». O chefe do governo, apoiando-se na politica do falecido chanceler, declarou que a Austria desejava manter as melhores relações com todos os Estados vizinhos e lembrou que «a Austria é um país alemão».

Concluiu pedindo ao povo que fizesse «uma profissão de fé a favor de Austria, sem quaisquer reservas». No final do discurso, Schuschnigg foi vibrantemente aplaudido, ouvindo-se muitos «vivas» à Austria.—(Havas).

Homenagem a dois precusores da aviação moderna

WASHINGTON, 30.—O «Comité» de Aviação determinou a todos os dirigentes dos 4.000 aerodromos dos Estados Unidos, que tomem as necessarias providencias para que ás 10 horas e 30 do dia 17 de dezembro, se encontre no ar o maior numero possível de aviões, a fim de prestar homenagem aos aviadores Arville, Wilbar e Wight, os primeiros que voaram em aparelhos com motores, em 1903.—(United Press).

Pequenas noticias do estrangeiro

BUENOS AIRES, 30.—Anuncia-se que as operações de compra e venda de cambios nesta capital trouxeram ao Estado um lucro liquido de noventa milhões de pesos, durante o ano corrente.—(United Press).

PARIS, 30.—O balanço do Banco de França referente á semana de 16 a 23 do corrente accusa em caixa o excedente ouro de 81.976.313.838 francos, registando-se uma diminuição de 94.611.651 francos, sobre a semana anterior.—(United Press).

PARIS, 30.—Depois de larga discussão, ficou ontem aprovado na Camara dos Deputados o orçamento do ministerio do Trabalho.—(United Press).

ROMA, 30.—A Companhia dos autobuses resolveu que estes vehiculos passassem a usar como combustível o carvão de sobra.—(Havas).

Antiga Confeitaria Pires
de J. TAVARES
68-RUA DA PALMA-70 TELEFONE 2 8068
BOLO REI
Amanha e Domingo

Londres relomou hoje

o seu aspecto normal

depois da cerimonia de ontem

LONDRES, 30.—Londres apresentava já esta manhã o seu aspecto normal. Durante a noite realizaram-se festas e bailes em todos os restaurantes e teatros da capital, que se prolongaram até de madrugada. As ruas de Londres estavam completamente apinhadas de gente, especialmente nas imediações da aldeia de Westminster, onde a multidão formou uma «bicha» interminável para entrar no templo e admirar as decorações do interior.—(Havas).

Um telegrama de agradecimento

LONDRES, 30.—O «lord-mayor» de Londres recebeu o seguinte telegrama do duque e da duquesa de Kent: «Pedimos que transmita a toda a população de Londres os nossos mais sinceros agradecimentos por todas as manifestações de simpatia de que fomos alvo por ocasião do nosso casamento».—(Havas).

O regresso dos convidados

LONDRES, 30.—Os pais da duquesa de Kent, assim como o príncipe Paulo da Jugo-eslavia e outras pessoas reais que vieram assistir ao casamento do príncipe Jorge e da princesa Marina, já partiram de Londres.—(Havas).

A questão religiosa no Mexico

Um grupo de catolicos assaltou a residencia de um governador

MEXICO, 30.—Esta manhã um numeroso grupo de catolicos assaltou a residencia do governador de Tabasco, sr. Tomaz Garrido, pretendendo matá-lo, por esta autoridade se retintamente anti-clerical. O grupo assaltante não levou a cabo o seu objectivo, em virtude de tanto o governador Garrido como os seus criados se terem defendido heroicamente a tiro.

O governador ordenou á Policia montada que perseguisse o grupo de catolicos e que o prendesse, a fim de receber o justo castigo que merece o seu acto condenavel.—(United Press).

A furia dos elementos

Milhares de mortos no furacão que assolou as Filipinas?

MANILA, 30.—O terrivel furacão que ontem assolou o sul do arquipélago das ilhas Filipinas causou prejuizos materiais elevadissimos em cinco provincias, que estão completamente arrasadas. Receia-se que tenham morrido afogadas milhares de pessoas. Desconhecem-se pormenores em virtude das comunicações com o interior estarem interrompidas devido á violencia do ciclone.—(United Press).

Um automovel contra um comboio

Morreram cinco passageiros

TURIM, 30.—Numa passagem de nível um automovel chocou com o comboio Milão-Turim, sendo arremessado a grande distancia. O automovel ficou feito num feixe e os cinco passageiros que nele seguiam tiveram morte instantanea.—(United Press).

Os que morrem

LONDRES, 30.—Com a idade de 85 anos, faleceu hoje o conhecido engenheiro sir Robert Parks, antigo deputado liberal.—(Havas).

BERLIM, 30.—Morreu o historiador russo Miguel Gruchevsta, cujo funeral é feito a expensas do Estado.—(Americana).

Ataque a uma missão salesiana

RIO DE JANEIRO, 30.—Os indios Chaventes, de Mato Grosso, destruíram a missão salesiana e mataram dois padres, um brasileiro e outro sulgo.—(Americana).

Os socialistas espanhóis

não desarmam

e preparam outro movimento

OVIEDO, 30.—O departamento da Ordem Publica anuncia que em Pime-nes foram presos vinte e cinco socialistas, quando realizavam uma reunião clandestina e discutiam a forma de levar a efeito um novo movimento revolucionario. Na referida localidade, a guarda de asalto, numa busca que efectuou na residencia de varios socialistas e comunistas, encontrou setenta espingardas, quarenta pistolas, vinte e cinco bombas e 2.000 cartuchos.—(United Press).

OVIEDO, 30.—O governador geral das Asturias ordenou que fosse encerrado por tempo indeterminado o Sindicato Mineiro das Asturias, por ter conhecimento de que este organismo operario estava a organizar um novo movimento revolucionario que deveria estalar dentro de poucos dias.—(United Press).

Milhares de presos politicos

MADRID, 30.—Os juizes militares de Barcelona concluíram já cerca de noventa e cinco processos relacionados com os acontecimentos revolucionarios. O numero de individuos implicados excede sete mil.

Nesta capital encontram-se presos e processados mais de três mil cidadãos. Como nas Asturias existem aproximadamente uns oito mil detidos, não é exagero calcular que em toda a península, o numero de presos deve andar á volta de 40.000.

Em Oviedo estão já processados 1.200 revoltosos e em Gijon 980. Apesar disso continuam ainda as batidas na região montanhosa para capturar os mineiros fugitivos.—(Especial).

As questões economicas

MADRID, 30.—O projecto de lei que concede plenos poderes ao governo, respeitantes ás questões economicas, autoriza-o a legislar por decreto acerca das propostas que lhe faça uma comissão composta de nove membros, incumbida de reformar todos os serviços de administração publica. Esta comissão será formada por quatro funcionarios do Estado, quatro tecnicos e um presidente nomeado pelo governo. Antes de junho de 1935, essa comissão proporá ao governo as reformas que este deverá executar até fins de setembro de 1935, respeitantes á economia nacional, bem como á fixação das verbas orçamentais a estabelecer para 1936.—(United Press).

Portugueses expulsos

MADRID, 30.—A direcção geral de Segurança intimou os emigrados portugueses residentes em Valencia de Alcantara a abandonarem aquela povoação. Em virtude dessa ordem, vieram para esta cidade os srs. drs. Alberto de Monsaraz e Rolão Preto.

Foram expulsos de Espanha os portugueses Marques da Costa e Germinal de Sousa.—(Especial).

Comentarios a um artigo do «Diário de Lisboa»

MADRID, 30.—«El Liberal» transcreve o artigo do «Diário de Lisboa» referente á situação dos jornalistas estrangeiros e á posição da colonia portuguesa em face da revolta marxista. Aquele jornal salienta a justiça da doutrina estabelecida nesse artigo, referindo-se á imparcialidade do «Diário de Lisboa».—(Especial).

O regresso ao trabalho nas Asturias

MADRID, 30.—O governo incumbiu o ministro do Comercio e Industria de ir ás Asturias a fim de estudar a melhor maneira de se restabelecer o trabalho nas minas e as garantias que devem adoptar-se para segurança do pessoal directivo das referidas minas.—(United Press).

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

O MOMENTO INTERNACIONAL

As negociações navais

TOQUIO, 30.—O ministro dos Negocios Estrangeiros confirmou o proposito em que se encontra o governo japonês de abandonar o tratado de limitação naval de Washington, num discurso que pronunciou na reunião extraordinaria da Dieta. No seu discurso, o ministro afirmou que o Japão defende a abolição dos principios da força naval proporcional estabelecidos entre os Estados Unidos, a Gran-Bretanha e o Japão.

O discurso do ministro dos Negocios Estrangeiros é interpretado como sendo o ponto final em todas as possibilidades que ainda existiam de se chegar a um acordo nas conferencias preliminares que se estão a realizar em Londres.

O discurso do ministro foi aprovado pelo imperador Hirohito e por todo o governo.—(United Press).

O regicídio de Marselha

GENEVA, 30.—O delegado da Hungria na Sociedade das Nações negou terminantemente as acusações formuladas pelo Jugo-eslavia contra o seu país, por causa da morte do rei Alexandre, afirmando que o assassino era absolutamente desconhecido na Hungria, e que o seu país não pode ser responsável pelos excessos dos exaltados.—(United Press).

O plebiscito do Sarre

SARREBRUCK, 30.—Os 8.600 sarrenses cujas reclamações relativas á sua inscrição nas listas eleitorais foram rejeitadas, recorreram da decisão em 29 de novembro, isto é, quatro dias antes de terminado o prazo.—(Havas).

Conferencias diplomaticas

LONDRES, 30.—MacDonald tomou hoje o pequeno almoço no palacio de Buckingham, em companhia do príncipe Paulo da Jugo-eslavia, com quem conversou demoradamente.—(Havas).

BERLIM, 30.—Só esta manhã é que von Ribbentrop, verdadeiro embaixador de Hitler para as questões de desarmamento, partiu para Paris.—(Havas).

Florestas incendiadas

NOVA YORK, 30.—Nas florestas do Estado de Virginia lavram neste momento 250 incendios, que já destruíram milhares de hectares de arvoredo. A pequena cidade de Beckeley, que fica numa montanha, está possivelmente cercada de fogo, embora não corra perigo algum. O vento atela as labaredas.—(Americana).

Tremor de terra

ANCONA, 30.—A's 4 horas da madrugada sentiu-se nesta cidade um violento sismo que se estendeu até Veneza, Trieste e Zara. A população, tomada de panico, saiu para a rua. Parece que o epicentro do sismo foi na Jugo-eslavia. Ignoram-se ainda os prejuizos. O sismo durou vinte segundos.—(Havas).

Os emigrados espanhóis

BRUXELAS, 30.—A Liga dos Direitos do Homem pediu ao governo que recebesse em territorio belga os revolucionarios espanhóis do ultimo movimento, que actualmente se encontram refugiados em França.—(United Press).

O desemprego nos Estados Unidos

WASHINGTON, 30.—O Departamento Federal do Trabalho annunciou que o numero de desempregados se elevou durante o mês de outubro ultimo a 10.670.000. O numero de desempregados em igual periodo do ano findo era de 10.122.000.—(United Press).

O PREMIO «ALBERTO I»

PARIS, 30.—O premio anual de Literatura «Alberto I» foi este ano adjudicado ao cidadão belga Albert Vivier, professor de literatura francesa na Universidade de Liege.—(United Press).

Suplemento literario ao n.º 4326 do

Diario de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2.0271, 2.0272 e 2.0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA



Dr. Julio Dantas

Eis a verdade: o dr. Julio Dantas vê os seculos que passaram, através do seu monoculo resplendente e moderno. Academico, politico, orador, dramaturgo, jornalista, poeta e diplomata sulca as ondas da vida como Neptuno as do mar—a fazer espumas.

Punhos de renda, casaca de seda, fiaveias de prata, chapéu de bicos e um fiorete para tiradas oratorias, os faixões da «Ceia dos Cardiais», as lagrimas de Soror Mariana, uma lição de esgrima para arrepiar as platéias timidas e uma ilusão primaveril para que Madame X. se julgue imortal.

Isto é muito, mas é tudo?

Não: depois da indumentaria, das frases, dos suspiros, dos galanteios e dos duelos em que o sangue derramado cabe num pires de marmelada, o mestre não cede, num apice sequer, o seu direito a ser «primus inter pares». Os que o invejam perguntam:

—Tem talento?

A consciencia responde-lhes:

—Se ele o não tivesse, como tu o imitarias!

Côro das Coéforas (De Esquilo)

CORO — Os senhores deste palacio enviaram-me com as libações: magão o seto com redobrados golpes. Corre-me o sangue das faces que rasguei com os dedos afilados. O meu coração exala-se em suspiros. Vede como os vestidos rasgados e os veus feitos pedaços anunciam a dor e o sombrio infortunio. Filho profetico dum pesadelo, prometendo vingança — a romper do regaço do sono — o terror, com a felpa erigida, invadiu este palacio: no silencio dos nossos aposentos, um grito de espanto perturbou o silencio da noite. Os adivinhos declararam, da parte dos Deuses, que Manes encolerizados se rebelavam, erguendo-se contra os seus assassinos.

— O' Terra! O' Terra! Para desviar tais ameaças e que uma esposa — ou serei pronunciar tal nome? — uma mulher impia me encarrega de te apresentar esta oferenda claramente inutil. Ai! Ai! Como e porque resgatar o sangue que correu? O' lares desgraçados! O' familia destruida! O sol tapou o rosto para ti! Odiosas trevas te cobrem desde a morte do meu senhor. Já não existe esse soberano poderoso, indomável, soberbo cuja fama nos enche os ouvidos e a majestade captava todos os corações. Já não existe! Um outro se faz temer. A felicidade é um Deus — mais que um Deus para os mortais. Mas — cuidado! — a justiça não larga de vista os culpados: ele atinge-os, seja onde for — á luz do dia, ao clarão do crepusculo, talvez um tanto mais tarde, ou na obscuridade da noite.

A terra fecunda bebeu sangue: a morte vingadora germinou e prestes desabrochará. O autor dum crime chama para si os mais cruéis castigos. Não ha perdão para quem profana o santuario do himeneu. As aguas de quantos rios ha na terra nunca conseguirão lavar um tenebroso parricídio.

A mim que os Deuses arrastaram na ruína da minha patria, arrancando-me á casa paterna e reduzindo-me á escravidão, sou obrigada, apesar do odio que me refere no intimo, a aprovar as vontades, justas ou injustas, do soberbo tirano que dispõe agora do meu ser. Mas dentro de mim, abafando os meus suspiros, choro o triste destino do meu rei.

INTENÇÃO

Como já ontem dissémos, o «Diário de Lisboa» começa hoje a publicação do seu «Suplemento» semanal, com a modesta mas firme decisão de contribuir para a divulgação e apreciação do facto literario e artistico. As artes e letras estão dentro da vida e da sociedade — nas suas raízes, nas suas manifestações e na liberdade espiritual que representam.

Não podemos deixar de as considerar como elementos primarios de educação e formação moral a que os povos devem o culto dos altos sentimentos e das belas formas. Quando um país se desinteressa dos seus escritores e artistas, roubando ao espirito o que consagra á materia, desdenhando da conquista emocional e humana do misterio que se guarda na nossa alma e nas coisas que nos rodeiam, esse país deve achar-se, um pouco mais ou menos, na situação do homem que abdica do cerebro em proveito das visceras.

Não é, pois, por mero capricho que nos abalançamos a tal cometimento, com o desejo de convertermos uma aspiração desinteressada numa realidade animadora. Queremos contribuir, na medida das nossas forças, para que, na hora trépida e confusa que atravessamos, os valores mentais não só se não percam mas se tornem factores de fé, de progresso, afectividade e concordia.

Sendo o «Diário de Lisboa» um jornal que procura servir e honrar a Patria, torna-se dispensavel dizer que defenderemos a cultura nacional profundamente influida pelas características do nosso genio e do nosso emocionismo. Portugueses, acima de tudo. Quem se deixa dominar pelo estrangeiro estende, duma maneira ou doutra, os braços á grilheta.

Isto, porém, não nos embaraça, antes pelo contrario, na simpatia por tudo que além-fronteiras merece ser estudado e apreciado. A nossa compreensão tem de ser universal, mas a sensibilidade ha de receber o suco de determinado torrão.

O lusismo inspirou um povo e criou algumas maravilhas que nos honram — no lirismo, na epopeia, nas viagens, na historia, no teatro, no romance e na novela. Só por loucura, votaríamos ao esquecimento tão rica herança, trocando-a pelo artigo de importação.

Sejamos europeus, mundiais se quizerem, quando se tratar de comparar o que somos com o exemplo alheio, a fim de, sob o nosso ramo lusitano, podermos afirmar que não vogamos a sabor de incertezas, sem uma estrela no céu e um amor mui vivo no peito.

A mocidade pode contar connosco: ajudá-la-emos no esforço de vencer e triunfar. Entendemos que a ela cabe a renovação dos ideais que envelhecem de geração para geração, de época para época. Compreendemos as suas indecisões, as suas esperanças, as suas rebeldias, o seu candido optimismo e as amargas decepções que frequentemente a salteiam.

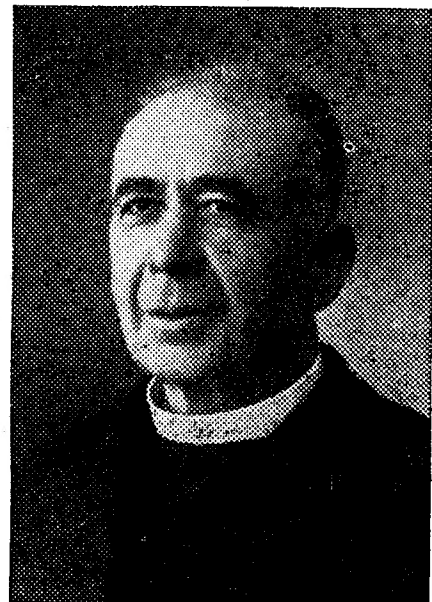
Não temos outras posições a manter senão estas — alargar os dominios do espirito e facilitar o exito de quantos se consagram a descobrir novos páramos no desconhecido.

As «Memorias-Arqueologico-Historicas»

do padre Francisco Manuel Alves

Está publicado o IV volume das «Memorias Arqueologico-Historicas» do distrito de Bragança, preciosa colectanea de documentos de arqueologia, etnografia e arte, que o padre Francisco Manuel Alves, reitor de Baçal, vem reunindo ha alguns anos, com uma tenacidade notavel.

Diz o prefacio, escrito pelo punho do autor, que este livro insere «muitas



Francisco Manuel Alves

noticias ineditas, capitulos inteiros mesmo, hauridas não comodamente em trabalhos de gabinete, mas por montes e vales, sem temor de frio, calor, chuva e mil outros incomodos inerentes ás excursões, só avaliados por quem a elas se dedica.

O padre Francisco Manuel Alves, investigador erudito e cultor apaixonado das letras, é na verdade uma figura rara dos nossos dias. Toda a sua vida tem sido consagrada ao estudo. Modesto, não o deslumbram as honrarias, nem busca o reclamo facil. A Academia das Ciencias acolheu-o no seu douto gremio, como socio correspondente, e o Museu Regional de Bragança, que lhe deve serviços inestimaveis, tem-no hoje como director.

Infelizmente para aqueles que o admiram e para o estabelecimento que dirige, o reitor de Baçal vai em breve dobrar o cabo dos setenta. E apesar de estar ainda valido fisicamente, riço como um castanheiro trasmontano, na plena posse e no perfeito vigor das suas faculdades intellectuais, a lei do limite da idade afastá-lo-á em breve das suas funções publicas.

Os seus amigos e conterraneos preparam-lhe nessa data uma homenagem condigna, a que nos havemos de referir com mais vagar.

Por ora queremos apenas registar o aparecimento do ultimo volume das suas «Memorias», trabalho notabilissimo, que é um verdadeiro monumento erguido em honra de terra que lhe foi berço.

Mas o padre Francisco Manuel Alves, não é apenas o arqueologo erudito, o espirito avisado e culto, o escritor de estilo facil e elegante. É um caracter integro, um coração bondosissimo e uma pessoa de apreciaveis virtudes, que só os seus intimos conhecem bem.

O seu esforço admiravel em defesa do patrimonio arqueologico, etnografico e artistico do nordeste trasmontano bem merecia ser recompensado por qualquer forma que traduzisse o reconhecimento publico pelos inestimaveis serviços que o reitor de Baçal tem prestado ao país e ás letras patrias.

Dr. Borges de Pinho
Advogado

Rua da Prata, 279-1.º Direto
Telefone 23352

Uma carta de Jaime Batalha Reis que contem recordações da sua mocidade

O artigo que acabo de ler no «Diário de Noticias», do meu velho amigo Jaime Batalha Reis, refere-se, com merecido louvor, a Henrique da Gama Barros, um grande obreiro na literatura portuguesa, cujos trabalhos o professor Augusto Reis Machado veio agora avivar com muito metodo e proficiencia. Nesse artigo ha tambem uma allusão ás celebres conferencias do Casino, no largo da Abegoaria, que em 1871 fizeram ruido, a ponto de serem encerradas por ordem do marquês d'Avila, retinto conservador a quem o espirito avançado dos conferentes metia medo, e ameaçava talvez derruir as instituições, falando-se em Comte, em Renau, em Strauss, em Vitor Hugo.

Assiste á cena que se passou quando, na noite em que devia falar Jaime Batalha Reis a autoridade interveio, mandando fechar as portas do Casino. Lembra-me, como se fosse ontem, que os assistentes, em numero elevado, foram ao Governo Civil lavrar o seu protesto, e nalguns jornais do dia immediato appareceu, com muitas assinaturas, uma veemente resposta á violencia do governo.

Jaime Batalha Reis foi sempre, dentre os rapazes desse tempo, uma figura simpatica, denotando um grande amor ao estudo, falando com facilidade, e assim fez a sua carreira por esse mundo fora, sem que eu, levado a fixar a minha residencia na provincia, pudesse acompanhar a sua evolução burocratica, politica e social, até que, vendo o seu retrato, em plena mocidade, num fasciculo da «Historia do Partido Republicano», me lembrei de escrever-lhe, recordando-lhe muitos casos da nossa vida passada, e pedindo-lhe que de si me dissesse qualquer coisa

pois que da nossa geração, já poucos seriam os sobreviventes. A resposta não se fez esperar. Batalha Reis está, creio, nos 87 anos, e eu vou perto dos 86. Dois velhos que ainda se dão as mãos, e, por mim, só posso dizer que vivo do passado. A carta que vai ler-se é a auto-biografia duma grande figura da geração a que pertenci.

ALBANO COUTINHO

Quinta da Viscondessa — Torres Vedras, 23 de Agosto de 1932 — Meu caro e muito velho amigo Albano Coutinho. Recebi com agradável surpresa a sua carta.

Os casos a que se refere devem, com effeito, datar de 1865 quando eu tinha uns 18 anos, pois nasci em 1847, atingindo agora os 84 para 85, com excelente saúde e uma sofrivel memoria para acontecimentos remotos, o que me permite rectificar a sua talvez incompleta narração.

A tentativa da Associação Academica de que fala principiou com reuniões numa casa, ou sacristia, á direita do patio da entrada do então convento de Santa Marta, que supponho ainda existir. Ái principiámos a discutir-lhe os Estatutos. Continuámos depois na sala de Picadeiro da Escola Politecnica, e só mais tarde fomos para o anfiteatro de quimica da mesma Escola. O promotor de tudo isto foi, como se recordará um estudante do Liceu por nome Domingos Maria Gonçalves, a quem chamavamos o «Dr. Maria Gonçalves», por ele ás vezes assim assinar. Não fazia discursos, mas era duma extraordinaria iniciativa e actividade propagandista.

Soube mais tarde que eventualmente

partira para o Brasil, onde morreria professor não sei de que, nem bem onde.

Nessas nossas discussões houve desde o principio dois verdadeiros oradores, ambos estudantes da Escola ainda chamada Medica Cirurgica, José Cesar de Lacerda e José Tomás de Sousa Martins, que continuaram a ser grandes oradores enquanto viveram.

Perdi cedo de vista o Lacerda, mas fui admirador e amigo intimo de Sousa Martins, enquanto ele viveu. Havia outros abundantes, recordo-me de um afilhado do illustre José Estevão, Morais Sarmiento que ha pouco morreu general.

Havia tambem oradores excentricos e divertidos, como Joaquim Pedro Lodi, sobrinho do Conde de Farrobo, e tantos outros.

A Associação Academica chegou a fazer algumas boas accções, pagando matrículas e auxilian-do estudantes pobres.

Já lhe contei da minha idade e saúde.

Reformei-me aos 70 anos, com 55 de serviços.

As minhas ultimas comissões foram: a de ministro na Russia 1912-1918 na conferencia da Paz em 1919. Vivo com as minhas duas filhas solteiras numa quinta herdada de meu pai, donde ha pouco sara. Mercê da minha longevidade, sou de ha muito o decano dos engenheiros agronomos, e desde 1912 ministro plenipotenciario de 1.ª classe.

Fico esperando a narração mais completa da sua util existencia.

Seu muito velho amigo — Jaime Batalha Reis.

VIDA LITERARIA

NOTAS E COMENTARIOS

sobre os ultimos livros e publicações

Apreciamos hoje em leves comentários, como sempre sem intenção crítica, algumas obras que temos sobre a nossa mesa de trabalho. O Outono literario afirma-se fértil, e sai da mediocridade de ha uns anos atrás.

«LUIZ DE CAMÕES» — por Quirino da Fonseca

O livro apresenta-se assim, em capa de Roque Gameiro: «Luiz de Camões», o Trinca Fortes, novela heroica, em acção cinematográfica, musicada.

O autor, escritor erudito, académico, homem de saber fez «uma tentativa». A vida do Poeta, acidentadíssima, a sua «fêbricitante biografia» para se tornar acessível á compreensão das multidões, não cabem nos moldes costumados em que os mestres das letras fundem num bloco perfeito, elevado, mas quasi inacessível, os monumentos de consagração genial — diz o autor num prefacio justificativo.

Toda a existência de Camões, a successão tumultuaria, vertiginosa dos acontecimentos, retalhos múltiplos de vida palpitante, aventureira, inquieta, a vacilar entre a desolação e o triunfo, entre graças regias, desgraças, desterros — dariam um filme, «a ilusão de um admirável filme cinematográfico, como também julgava Lopes de Mendonça». E o sr. Quirino da Fonseca tentou o filme, traçando a sua forma literaria, o cem por cento falado, numa «ousada solução», guiada por documentação biográfica, com as suas lacunas preenchidas em «prudente fantasia».

Eis o que é o livro do erudito, arqueólogo, crítico de assuntos navais, que principiou por um livro de contos «Ceus e Mar» — título que indica uma vocação — ha 35 anos.

O livro-filme tem 12 jornadas e uma apoteose final. E' a vida de Camões desde Coimbra, tempo do «Trinca Fortes», até o regresso á Patria e á composição grafica dos *Lusiadas*.

E' uma obra util, é uma obra séria, é uma obra agradável — é um trabalho de um homem de letras, que ousadamente tentou uma solução (que não se encontra só porque o filme nunca será cinema, e só por isso), e que na árdua empresa venceu.

Claro que, tecnicamente, como argumento de filme o livro é inaceitável. Dele haveria que «decompôr» outro livro.

Mas não é sob este aspecto mecânico que apreciamos este livro lido cuidadosamente. Mas sob o aspecto literario, e até da historia da literatura.

Tem erros? Atrevo-me apenas a supô-lo.

Leva a duvidas, sobre determinados acertos? Sim; algumas das poesias de Camões parecem-me mal colocadas cronologicamente, até no lugar e no episodio. Mas a «prudente fantasia» não só o consente como o obriga. Hemos de não perder de vista a intenção deste trabalho, produto de muito estudo, e até de probidade literaria.

A linguagem ajustada; o rigorismo é por vezes académico, exacto, confortante sob o aspecto erudito.

Teatro — contém. Emoção — aqui e ali. Efeitos — frequentemente. Mérito sempre. E vou mais longe: pode ser um livro de estudo. Figuras bem desenhadas, sem ridiculos ou inverosimilhanças, que o teatro provoca, e subtileza nos passos intrincados da vida do Poeta — e nos quais os biógrafos ainda não acertaram, nem acertarão nunca. O autor, com probidade, deixa a duvida ante o leitor (caso, por exemplo, das tres Catarinas). O rol das personagens episódicas é, de certo modo, historia, por figuras e por quadinhos de uma epoca — a da corte, a do mar, a da India.

Em resumo: livro que dentro da intenção, e até fóra dela, é de mérito intrínseco neste outono literario.

«VARANDA», poemas por Alberto de Serpa

E' uma edição do grupo «Presença», e na dedicatória encontram-se estes nomes: Antonio Botto, José Regio — poetas — Carlos Carneiro, pintor. Nada mais seria preciso para se conhecer da escola em que o autor tem arraial.

O sr. Alberto de Serpa já publica obras desde 1923. Não é uma estreia, pois.

E' destas obras que nós, em nosso cenceito, que não é de novo nem é de velho, classificamos de prosa bonita, medida, em ritmo de alma. Não topei rima, esse artifício sonico, que só toleramos — nós, todos — quando a poesia é pura, e um misterio adeja de verso para verso, como a melodia nas teclas de um cravo antigo.

O que ha de belo nestas obras — meus senhores — não é o processo, nem a forma, nem a estilística, nem o truque grafico da palavra solta num verso, prendas de officina, caprichos da inspiração que se compraz em morrer num *espero...*, num *tedio...*, num *etc...*

O que ha de belo nisto — que tudo se podia dar em prosa aparente, de períodos em corrimão — é o misterio da poesia, de que esta «Varanda» está plena, como um Maria, de graça. E este livro — é poesia pura.

De modo que não nos venham com escolas, renovações ou tendencias, que tudo isso é esteril, futil como uma renda ou um capricho dos vinte anos; venham mas é com as almas cá p'ra fora, as alminhas como elas são, e tanto cabem num verso de quatro sílabas como num alexandrino que moe os ouvidos ou num velho vilancete, que destrói todas as leis da idade.

Esta verdadeira poesia, assim, como eu a vejo, e como eu lhe quero bem — é estruturalmente doentia. Mas a saúde perfeita nem sempre traz beleza consigo. Esta moçola de carnações rijas e trigueiras, disforme de tibias, redonda e rubicunda — é saudável, senhores, como o aborto de um fruto maduro, mas arrripa-me a sensibilidade, e antes quero aquela que, sem dever nada á Grecia, ficou peregrina de beleza morbida, á força de linda, na estatuazinha do escultor lunático.

Pois, sim, senhor: «Varanda» diz-nos de estados de alma dos princípios doentinhos, e de tedios, e de sonhos, e de rosários nebulosos de aspirações, ou sêdes de agua de orvalhos — não sei quê de além do equilíbrio. Mas é poesia: pura, ou, por isso, é poesia pura. Ora vejamos, na minha forma grafica:

«A impotencia dos braços! Tantos esforços, para quê? Conseguimos prender corpos. (Mas os corpos que valem?) As almas podem os braços prendê-las, como podem prender a luz, a sombra, o fumo. Braços são azas que Deus não acabou. Toda a tragedia do homem está no quasi que falta aos braços para serem asas. Fazemos deles ogiva, em ansias e desejo, para depois caírem pesadissimamente ao longo do corpo...»

Isto, que é belo, conta-se numa miniatura. E como quero objectivar, na admiração pelo Poeta, cito, como peregrina a sua poesia «Abandono», e que principia: «Deixai ficar o parque assim mesmo, aos estragos do tempo!», e termina após alguns lances de misterio, ou de extase no dizer brando: «Que o relógio do sol, de desconhecida idade, não possa marcar mais horas pela fugida do sol com horror da paisagem! Mesmo sem sol o parque terá sombras... e vós haveis de dizer-me se a morte não tem beleza».

E vós haveis de dizer-me se é ou não é como eu digo: prosa bonita, medida, em ritmos de alma.

«PARABOLA DO MEU SONHO» por José Rodrigues

Outro livro de versos, mais humano este. Poesia, mas menos misterio da poesia. Dedicatória a Manuel An-

selmo, um nome; carta-prefacio, em verso, de Antonio Botto, um poeta.

Sonetos; redondilha menor.

Lirismo compassado, amor; um certo perfume ingenuo, branda tessitura, rima natural, sem esforço, que canta como se rezasse. Algumas trivialidades de quadras de Santo Antonio, mas muita quadrinha interessante, revelando um poeta.

Um exemplo da maneira de José Rodrigues trabalhar a sua poesia:

*Caia a agua fresquinha,
muito limpa, prateada,
sobre uma pedra velhinha
de musgos toda cercada.*

*Com uma inscrição gravada
essa pedra, então, já tinha,
numa campã abandonada,
passados anos, sósinha...*

*Tinha agora aquela magua
de vêr como um fio d'agua
num beijo doce, inocente,*

*a pouco e pouco apagava
a inscrição com que dava
lembrança a tanta gente.*

E' uma edição apresentavel de «Edições Cosmopolita».

«P. B. X.» — por Augusto Cunha

O humorismo tanto pode ser uma arte como um dom. Quando humorismo traduz optimismo — é uma virtude. Quando humorismo corresponde a mordacidade, que se veste de guisos — é um disfarce odioso. O verdadeiro humorismo é amavel. Não o sendo, não vai além da facecia, a vulgar darcha, que pode fazer rir, mas não convence.

Humorismo — é, afinal, espirito, subtileza, observação, não precisando chegar á ironia mas não lhe ficando muito longe.

Quanto aos humoristas, ha os de sua natureza, que nem precisam escrever, aqueles a quem basta um gesto e nem precisam sorrir; nasceram assim. E ha os humoristas cerebrais, os que compõem, inventam e criam dentro do cerebro o bom humor, quer sejam profissionais, quer não.

Espirito, graça, humorismo, «piada» são tudo degraus ou patins do mesmo edificio do riso, que pode não ir além de sorriso segundo o jeito de cada um. E, ao cabo, é saúde.

O dr. Augusto Cunha, de seu natural grave e sério — é um humorista de verdade. (E' sabido que ha grandes humoristas que são, mesmo, pessoas tristes). E é-o por temperamento e por cerebração.

O seu ultimo livro «P. B. X.», precedido de um aviso previo — no qual o escritor está mais á vontade do que na obra, e tem espirito puro — não é, quanto a nós, a sua melhor criação de humorismo. «Quasi de graça», «Mais Um», «Mais Outro» — concentram mais graça, de trocadilho facil, e estão até mais dentro do genero que Augusto Cunha cultivava como raros. O capitulo «Manual do Bom Assinante» abre muito bem o livro, cujo motivo cinge o autor a um assunto, e o aperta de tal modo no colete de forças do «restrito», que nem com o talento do diabo era possível ir mais longe.

Mas se neste aspecto «P. B. X.» não satisfaz o exigente (ha exigentes para tudo), excede a expectativa na leveza impressionante dos dialogos ligeiros, sem cortes de narrativa nem descrições, observador de casos, realista imtamente, dar-nos a flor do seu espirito humorístico requintado, como se fosse arte.

O livro é «engraçado», consegue fazer rir, e mesmo sorrir (o que é mais difficil, nessa nuance que chega a ser um misterio). Mas como humorismo, no conceito que nós fazemos desta «arte», ou deste genero superior da literatura, não nos convenceu. Porém, repetimos, o escritor, criador de situações, observador de casos, realista implacavel — está melhor do que nós livros anteriores que conhecemos. Os

ossos do officio de boateiro» é, a este respeito, lapidar. «Cenas dos nossos dias» — chega a ser bom teatro.

Tem o livro uma intenção reclamativa? Não o creio. Mas se o tivesse — seria o mesmo para a apreciação da obra, da sua tecnica, que a possui, e do seu processo, que é original, a... de difficil.

O exito de livraria está justificado. E as qualidades do escritor demonstram-se num novo aspecto do seu talento. Edição da Parceria Pereira.

A GRANDE EMPRESA — por J. Castelo de Moraes

Trata-se de um romance — talvez melhor, novela — que o autor teceu á roda de um caso original de especulação ou aventura financeira, e no qual se encontra uma ponta de assunto digno de um novelista.

O autor, que possui indiscutíveis qualidades de escritor, com poder imaginativo e facilidade de composição, foi nesta obra prejudicado exactamente pela exuberancia dessa imaginação, pela ligeireza com que passou ao papel o «caso» que criou ou que encontrou por aí, algures, nalgum modelo vago.

Este livro, em verdade, mais é uma «narrativa» desprendida do que um romance ou novela. Pode ser argumento de um filme.

Castelo de Moraes não é um estranhe. A sua obra «Sangue Barbaro» — forte e indicativa — era muito mais do que uma promessa. «Ave Eva», poemas, afirmaram uma sensibilidade. Pela cultura, pelo «mundo lido e escrito», por suas proprias virtudes literarias, que conhecemos, Castelo de Moraes tem direito já a dispensar-se das benevolencias comprometedoras; suporta mesmo este comentario leal, e que é preferível á lisonja afrentosa. «A Grande Empresa» não está á altura das possibilidades do escritor.

E' mau o livro? Não; se o fosse não escreveríamos dele. E' inferior? Não o chega ser. E' simplesmente fraco, precipitado, dentro do indiscutível interesse de leitura que oferece, e que assinalamos sem ser em contrapartida do reparo que fazemos.

Prosa facil, agradável, observações exactas, caracteres desenhados apenas mas bem dados, dialogo naturalissimo, um sentido realista da existencia — tudo isto não é suficiente para dar ao novo livro de Castelo de Moraes um relevo literario compensador. A obra é fria, e o assunto capitular do livro — maravilhoso assunto se o autor o tomasse a sério — perde-se, fica no vago, dilue-se, e torna-se mesmo nebuloso no final. Castelo de Moraes vai reconhecer quanto estamos escrevendo, e na «Roda da Fortuna», que anuncia, será mais novelista, mais homem de letras, mais criador de emoção, mais — forte.

Um homem, Manuel Falcão, é atraído por um amigo que o roubou e lhe leva a mulher, acabando mesmo por abandoná-la, com um filho. A vingança de Falcão é original: atrair, mais tarde, o homem a uma cilada financeira, aproveitando a sua falha de escrúpulos, atirá-lo para a cadeia, para a deshonra. Afinal o «negocio» pega; o Silva (assim se chama o homem) ganha muito dinheiro «a limpo», e o proprio Falcão é forçado a receber duzentos contos...

O passo original é novelesco da obra é dado apenas em dez linhas; o livro é todo a insignificante narrativa da falcatura feliz. Uma ponta de romance emotivo, no final, anula-se, por evidente precipitação do escritor, que não quiz fazer arte, nem criar beleza emitiva, nem belas letras, e — em realismo — não atingiu sequer o seu nível anterior.

Apesar, porem, destes nossos reparos — que por ventura serão excessivos — o livro tem interesse de leitura, prende, sugere. E foi talvez o que o autor quiz fazer.

Edição boa da Parceria Pereira.

N. de A.

O LIVRO DA SEMANA

"Cinco aventuras sem importancia", de Urbano Rodrigues

Transcreve-se o prefacio de Augusto de Castro

Do magnífico livro de Urbano Rodrigues, «Cinco Aventuras sem importancia», que está a constituir um



URBANO RODRIGUES

exito de livreria, transcrevemos o prefacio devido á pena privilegiada de Augusto de Castro.

Meu caro Urbano:

As suas *Cinco Aventuras sem Importancia* de que V. affectuosamente quis que eu fosse o primeiro leitor, são, antes de mais nada, a ressurreição romântica duma figura de herói, profunda e tipicamente nacional: o «portuguesinho valente».

E' curioso que, sendo uma raça de conquistadores sentimentais e de grandes navegadores dos mares procelhosos do Amor, nós, portugueses não tenhamos criado uma grande figura de aventureiro amoroso. A Italia produziu Casanova, a Espanha D. Miguel de Mañara e D. João; a França Restif de le tonne, Richelieu; a própria Inglaterra a figura enigmática e literária, mas universal, de Lovelace.

Nós, mais democraticamente, não criámos uma figura, individualizada na literatura ou na lenda—mas das entranhas da nossa imaginação amorosa demos corpo e alma a um tipo colectivo, anónimo, pitoresco, no qual cada um de nós se reconhece sentimental e irresistível e que a nossa fantasia põe a passear pelo mundo. E' o «portuguesinho valente». Porque, com uma diferença sensível das outras figuras universais de Tenórios, o «portuguesinho valente», sendo caracteristicamente português, é, sem sombra de duvida, um tipo de exportação.

Casanova é uma figura veneziana: o teatro principal das suas operações fica sendo sempre Veneza. Miguel de Mañara ou D. João conquistavam Sevilha. Richelieu é inseparável do quadro da França do seu tempo: é, geográfica, como historicamente, francês. O nosso Tenório, o «portuguesinho valente», ao contrario dos seus emulos literários, sendo uma flor da raça, é contudo pouco mais que inofensivo em Portugal. A nossa imaginação só atribui a esse ultimo navegador portugueses qualidades fatais além-fronteiras. Em Portugal é doméstico, frugal, namorador e apaixonado certamente, mas lirico e burguês. Em Portugal casa.

E' quando deixa o país, fora das vistas da patria e das mulheres portuguesas, que ele começa a ser perigoso, temível, imortal. O estrangeiro é o seu exclusivo campo de exploração. Apenas deixa Portugal, o sortilégio nacional opera em grande escala: começam as vítimas. Nos hotéis, as mulheres, desinteressadas e sublimes; vêm, de noite, bater-lhe á porta do quarto. Nos salões, nos teatros, nas ruas, dezenas de braços, rendidos e febris, enlaçam-no misteriosamente.

Basta que ele olhe; na maior parte das vezes basta-lhe piscar o olho. «E' um português»—e abrem-se clareiras ardentes de amor.

Essa ilusão subtil de que o português é considerado no estrangeiro uma marca regional do amor, como as queijadas de Sintra, o vinho do Reno ou o «fole gras» de Dijon, é tão arreigada em Portugal que, há anos, num restaurante de Londres um compatriota nosso, vendo que uma dama sobre quem ele fuzilava olhares ardentes parecia resistir á magia da sua sedução, voltou-se para um amigo que estava ao lado e murmurou-lhe como supremo e decisivo argumento: «Faça-me um favor, diga a essa senhora que eu sou português!»

Ai de mim, ai de nós, meu caro Urbano, a realidade, neste caso nacional, como nos Casanova ou Lovelace, é ligeiramente diversa da realidade! Ainda há cá por fora senhoras que teimam (doloroso é confessá-lo) em resistir a um português. O amor é cada vez mais uma planta que se cultiva com o suor do nosso rosto. Mas não convém, neste particular do nosso patriotismo, contrariar muito a ilusão, a sublime ilusão nacional. Em todo o português que se preza, na paixão, como na literatura ou na politica, há um guitarrista que suspira. O «portuguesinho valente» é esse guitarrista.

E você, meu caro Urbano, confiando a essa figura, tipicamente nossa o suggestivo papel de protagonista das suas *Cinco Aventuras*, filiou sem talvez querer o seu novo livro nesse genero literário levemente libertino, um pouco abandonado hoje, mas sempre universal e interessante, das confissões de Casanova, de Restif ou de Lanzun—literatura de aventuras espécie de literatura de viagens, em que cada frágil mulher seduzida nos aparece como país misterioso desvendado e conquistado pelo prestigio irresistível dum homem.

O «portuguesinho valente» das suas *Cinco Aventuras* chama-se Rodrigo. O teatro das suas proezas é o alto mar. Paris, Londres, Biarritz, Sevilha. Olga, Ivonne, Grace, Violet, Amparito constituem a coroa das suas vitórias. E dentro da lendária psicologia do nosso herói nacional, ressuscitado pela sua pena de novelista, Rodrigo só volta a Portugal para se regenerar, ao contacto do verdadeiro amor, da verdadeira mulher—da mulher portuguesa, em suma, unica capaz de prender a sua volubidade de sedutor. Cada «portuguesinho valente» (verdadeiramente cada um de nós) terá a ilusão de se reconhecer no protagonista do seu livro. E, ao mesmo tempo, cada mulher portuguesa se encontrará retratada na sua Aninhas—na sua «Joaninha dos olhos verdes» que se chama Aninhas. Todos ficarão contentes.

E as próprias vítimas estrangeiras do seu herói lhe perdoarão, meu caro Urbano, a sua derrota. Você soube pintá-las com ternura. E' provável que, um destes dias, eu encontre na Vila Borghese ou descendo amorosamente a Via Veneto, a sua Grace ou a sua Violet—a Esfinge do «Savoy»—viajantes infatigáveis que não deixarão de vir a Roma contemplar os crepusculos mortais do Pincio, ver de longe Mussolini ou extasiar-se diante das ruínas magníficas do Forum. Se V. me permitir, falar-lhe-ei de si, do seu livro, do Rodrigo. Será uma maneira discreta de apresentação. E, quando eu lhe disser, como o nosso compatriota, que sou português, pode às vezes, quem sabe? acontecer... Mau! Lá começa o «guitarrista nacional» a soluçar dentro de mim!

★ ★ ★

Além do caracter incorrigivelmente português do herói das suas *Cinco Aventuras*, o seu livro, meu caro Urbano, é ainda português pelo seu clima psicológico, pelo abundante lirismo, pela sua própria estrutura literaria.

De resto, toda a sua obra desde essa *Maria da Graça*, impregnada de sonho e de melancolia, até ao *Idolo de Carne*, é típica e regionalmente nossa. A própria sensualidade das suas figuras é portuguesa, no sentido imaginativo, poético, pecaminoso, que nós atribuímos ao amor. Se, aqui ou além, no fundo da sua obra, a alma estrangeira ou a terra estranha surgem, é sempre num claro-escuro, para fazer ressaltar, na sua maior pureza ou na sua maior virilidade, o sangue, a cor, o sentimento de Portugal. Alentejano até á medula. Você tem o culto doméstico da terra, ia quasi dizer o culto doméstico da mulher.

E' isso que dá ainda ao seu novo livro uma significação e uma indole subjectivas que são talvez o seu maior encanto. Você evocou as suas *Cinco Aventuras* para escrever o capítulo final, que é o seu idílio e formosíssimo remate: a apologia, não apenas da mulher portuguesa, mas a apologia da mulher, no que ela tem de maternal, de instintivamente caseiro, de provinciana e pacificadora doçura.

Os portugueses nunca foram grandes libertinos. A literatura galante em Portugal é nula—ou quasi. Uma das nossas grandes qualidades de raça é o culto da mulher. Casanova, se tivesse sido português, tinha casado no Minho—ou com uma tricana de Aveiro. Nós podemos passar metade da vida—o que é raro—foragidos na aventura ou na fantasia, mas acabamos sempre no sentimento e no noivado. O português no amor é namorador, epistolar, sensual ou piegas, mas só muito excepcionalmente é devasso. A corrupção satânica, de D. João, dramática e espanhola, seria sempre impossível em Portugal.

Valdoso, gabaroiá, bem falante, o «portuguesinho valente» é, afinal, muito mais lamecha do que malfazejo. Como conquistador, as suas proezas são muito mais verbais e imaginarias de que efectivas e fatais. Como o caçadores, ele conta mais do que caça. Para ser realmente um profissional do amor, para ser D. João Tenório, falta-lhe, em primeiro lugar, graças a Deus, o cinismo e, em segundo lugar, o temperamento libertino e o gosto enraizado da vagabundagem. E' talvez, é certamente um volúvel sem deixar de ser sincero, na mesma proporção em que a mulher portuguesa é estruturalmente fiel, mas o sentimento da mulher é nele um sentimento profundamente lirico e o amor, em Portugal, tarde ou cedo, acaba sempre na «casa e pucarinho», legitima ou ilegítima.

Dessa expressão amorosa nacional, o seu livro, meu caro Urbano, é um interprete e um espelho. O seu Rodrigo, depois de pecar por esse mundo, louvado seja, regressa ao Ribatejo e logo se rende á graça e á frescura dessa nova Morgadinha dos Canaviaes que é a sua Aninhas. Com o «portuguesinho valente» sente-se, meu querido amigo, que regressa Você próprio. No fundo, regressamos todos nós. E o seu talento literário tem, para descrever, viver, cantar, esse regresso os mais belos acentos da sua inspiração de novelista feminino.

As paginas do seu ltimo capítulo são uma maravilha de cor, de facilidade, de exaltada e comovente poesia. São do melhor que Você tem escrito. A terra ribatejana, no azul e no oiro-púrpura dos seus horizontes, em que o sol e as searas ondulam no mesmo ritmo divino, a fragilidade nupcial da mulher, no que ela contém de mais idílico e casto, a romantica ilusão do amor, encontram na sua pena, singularmente feliz, toques de infinita e encantadora delicadeza.

Saindo dos domínios da fantasia pura, eu não creio, meu excelente Urbano, que as mulheres, como as peras ou as marcas de vinho, se possam catalogar em zonas geográficas. Quero dizer: eu não creio (e já em outro lugar o escrevi) que seja possível classificar as mulheres em hierarquias sentimentais—e que a mulher portuguesa

seja melhor do que a francesa ou a espanhola, mais bela do que a italiana ou a hungara e vice-versa. No amor as mulheres têm uma vida reflexa: são o que nós delas fazemos ou como nós as imaginamos. A França não é um alfobre de Ivones, como Portugal não é um jardim em que floresçam, em cada canteiro as Aninhas do seu livro. A realidade é menos exclusivista.

Mas, no fundo, isso importa pouco. Pirandello dizia-me há dias:

—«Quando nós dizemos que o sol nasce a tal hora, dizemos uma verdade? Não. Constatamos apenas um facto. A verdade é outra. A verdade é a significação que no espirito de cada homem representa, em cada momento da vida, esse facto do sol que nasce: para o moribundo, para quem ele nasce pela ultima vez; para o noivo, para quem ele representa uma vida que começa; para o desgraçado, que dele espera um dia melhor. O sol não nasce para a dor com a mesma luz com que nasce para o amor ou para a ventura. Em cada momento da nossa vida, o sol nasce diversamente. Tal é a verdade, feita de mil verdades, de cada manhã humana».

Este eterno contraste entr. a realidade e a verdade que é o fundo de toda a filosofia pirandelliana, ia quasi dizer, o fundo de toda a filosofia, deve pôr-nos de acôrdo todos, filósofos, romancistas e poetas, neste capítulo da verdade feminina. O que importa a realidade? A verdade é a nossa eterna ilusão. A verdade é que cada raça faz da mulher o simbolo e a essencia das suas virtudes e do seu ideal sentimental. A mulher portuguesa, como nós portugueses a vemos e generalizamos, corresponde a um ideal feminino português. Nós amamos incorrigivelmente as Aninhas—e as Aninhas aparecer-nos-ão, por isso, sempre omo as mais perfeitas entre todas as mulheres, porque elas resumem e consubstanciam, na sua nativa e resignada graça idilica e provinciana, o fundo lirico que é a alma de cada um de nós.

E ninguém, meu querido amigo, pode ser mais sensível a essa verdade, do que este seu velho e fiel companheiro de sempre, a cujo voluntario exilio o seu admiravel livro traz, de longe, como um braço de flores frescas, o aroma dos rosmaninhos e das éclogas de Portugal. O amor pátrio é, para aqueles que estão na Patria, um sentimento viril ou heroico, feito de luta e de fé.

Para aqueles que, como eu, estão longe, o amor pátrio, ennevoado de nostalgia e sensibilidade, é um sentimento feminino, qualquer coisa de sensual e místico, de perpétuo noivado, ao mesmo tempo voluptuos. e maternal. A distancia, meu querido Urbano, é feminina. A distancia é mulher. Através dela tudo é fragilidade, imaginação e vaporosa ternura. Que admira, por isso, que o seu livro, trazendo-me a evocação amorosa de Portugal longínquo, me seja, mais do que qualquer outro, caro e doce?

O seu «portuguesinho valente», depois de ter conquistado o mundo, esposa Aninhas. Estou daqui a ver a ninhada de filhos que os espera. Deus os abençoe! O amor em Portugal é um dos poucos sentimentos vivos de coesão, de tradição, de raiz que nos prendem, como em nenhuma outra parte do mundo, á terra e a nós próprios. Não é apenas uma força nacional: é, com os seus irreduzíveis apegos liricos, uma força nacionalista. A literatura de amor é, por isso, a unica literatura profunda e caracteristicamente portuguesa.

Nessa literatura as suas *Cinco Aventuras sem Importancia* vão enfileirar, como documento de ironia e de poesia de singular encanto. Estou convencido de que os seus leitores as lerão e releirão em Portugal com o imenso prazer com que eu as li. E os olhos de Aninhas, flor e melodia de Portugal, lhe darão fortuna.

Roma, Outubro de 1934.

AUGUSTO DE CASTRO

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Aquilino Ribeiro afirma que ha uma crise do espirito e a literatura atravessa uma hora grave

Aquilino Ribeiro é um dos grandes e raros casos da literatura portuguesa. É um escritor-tipo, de boa fibra classica, prosador por instinto e romancista por officio.



AQUILINO RIBEIRO

Carlos Malheiro Dias, no prefacio celebre do Jardim das Tormentas, chamou-lhe, com sincero entusiasmo, o principe das letras portuguesas. Se Aquilino Ribeiro não fosse visceralmente republicano, diriamos que ele já tinha, entre palmas de admiração, ascendido ao trono da lingua—vago no dia em que o nevrotico Camilo estorou os miolos, em S. Miguel de Seide. O criador da Via Sinuosa e das Terras do Demo tem conseguido esta coisa admiravel: escrever sem se diminuir. Cada uma das suas obras é melhor do que a anterior. Mais forte mais rija,

de porte, mais alto, mais bem entroncada na linguagem, celula viva, multiplicada em ramos, raizes, fuste, como as arvores grandiosas, que, no recesso das florestas, rompem da monotonia verde, assombrando os espaços. As suas figuras são copias do modelo vivo. Têm a rudeza e a maturidade humana, cheias de defeitos, como o criador as amassou no Paraizo.

Mas sem elas não haveria beleza, nem aspiração, nem inquietação nem com que medir em valores os defeitos e as virtudes do ser humano.

Aquilino Ribeiro responde ao nosso inquerito, afivelando a mascara de Juvenal.

O seu riso tem um ressaibo ironico que talvez fira a mediocridade e o convencionalismo da galeria literaria. Repare-se, porém, que Aquilino Ribeiro, negando quasi sempre, desmente-se a si proprio. Não será Aquilino Ribeiro exemplo vivo de que a literatura portuguesa não é, positivamente, materia desvalorizada? Com medicos como ele, mesmo que o diagnostico fosse grave, o doente não piorava. E com estes despreziosos comentarios, tem a palavra o autor da Maria Benigna:

—Parece-lhe que esteja em crise a literatura?

—Parece-me bem que sim. De modo geral ha uma crise do espirito. Se ainda se lê, se ainda se aprende a ler e a escrever nas escolas é por viciosa costumeira, pois estão proximos os tempos em que será de bom tom ser maciçamente aletrado como o eram, com gloria e suficiencia os fidalgos afonsinos. A literatura vai caindo de moda, declinando para a doce e enternecida penumbra em que esmaecem os postigos do passado. Morreram tisticos os poetas e o prosador que aguentou um ou dois anos a carpintear o livro, á espera de aura publica ou galardão material, quando tudo isso se consegue do pé para a mão — dois murros científicos applicados no seu semelhante, a travessia do Atlantico—coitado, ou não sabe o que se passa pelo mundo, ou não tem o juizo no seu lugar. Em qualquer das hipoteses é digno de lastima.

—Aceitando esse pessimismo á letra, os exageros são evidentes. O bom cul-

tor das letras tem as suas compensações...

—Tem, eu lhe digo. Sempre ha um ou outro patusco renitentemente romantico que tem prazer em lhe apertar a mão, este ou aquele amigo que o considera «magico» para o caso da carneirada humana, um sujeito sem caracter que o lisonjeia chamando-lhe criminoso. Tudo isto não passa de dinheiro de sardinhas. Quem o vê á mesa de trabalho a envelhecer, a queimar as pestanas, a escrever cada letra com sangue, nesta urçidura de Penélope que no fundo é o livro?! Nos bons velhos tempos, tempos dos Goethe, dos Musset, dos Garret, dos Anatole—pois o autor da Thais já pertence a um passado longinquo—enamoravam-se destes artifices as mulheres, nariçosas atraídas ao resplendor da lama. A mulher hoje prefere o atleta, o homem de acção, o dominador pela força, pela fortuna ou pela audacia, e nisso dá provas dum bom senso digno de ser celebrado pela cartilha do abade de Salomonde no capitulo dos deveres sociais. A gloria a que uns emprestam corpo e encantos de huri e outros pintam como caveira embonecada de europeis, a gloria que se com esses mocetões desempenados, ignorantes como reis de armas, rijos como bufalos, que jogam o «tout pour le tout». O longo e paciente trabalho do genio ou apenas da inteligencia não deslumbra ninguém.

—São então os tempos barbaros que voltam?

—Não nos enganemos, não são os tempos barbaros que voltam, são outros tempos que vêm. Melhores? Piores? A humanidade vai seguindo cega o seu caminho sem saber para onde vai. Quem poderá dizer que o homem de hoje é mais feliz que o contemporaneo de Sesar? E que o operario, no regime das 8 horas de trabalho é menos escravo que o escravo de Roma? Nada escapa á lei da relatividade e na evolução das coisas valores se subvertem e valores se alevantam. O livro—é observar as luxuosas produções da livraria francesa ou alemã—vai deixando de ser manjar para o espirito para se tornar objecto de mobiliario, linda e futil bugiganga decorativa. E a manter-se o culto imoderado pelo feito de natureza muscular, ha de acabar por ser uma demonstração de idiotia especifica contra o autor, incluindo aqueles a que o nosso poder de admirar hoje qualifica de «honrosas excepções». O mundo é um belo chiqueiro.

—Não se descortina saída para a literatura deste belo chiqueiro, uma réstoa de clara luz, tendencia...?

—Em minha consciencia, não vejo. Tendencias na literatura, isto é o sentido literario colectivo definido para um rumo, como poderia havê-las a meio da universal barafunda? Nunca o intelectual foi mais individualista do que agora; nunca o pandeiro literario tangeu mais dissonante. O espirito é como a luz duma candeia exposta aos ventos. Donde sopram agora, donde vão soprar logo? Uma espada de Damocles pendre sobre a vida do homem e das nações. Quem tem seguro o dia de amanhã? O escritor encontra-se nesta praça instavel e movediça. Não terá coragem de pegar na pena de pato romantica quando tudo em volta é ferro e cimento; da pena realista, que o panorama é sobretudo confrangedor; o naturalismo estrénuo leva ao bocejo e o psicologico é cataplasma. O escritor dos nossos dias não pertence a nenhuma escola e a sua defesa está na tecnica, uma tecnica, digamos,

em que se sintam as muitas cabeças e braços de Brareu, sábia e complexa como o maquinismo de navio, insensível a quem vai no beliche, para o nosso caso a quem lê.

—Dêsse modo a carreira literaria tornar-se-ia uma sorte de esoterismo...

—Não digo que não e será essa a sua defesa. Quere-se a literatura praticada por poucos. O numero é o mal. A carreira literaria, de resto, exige um espirito de sacrificio, uma abnegação, uma demora que não são compatíveis com a nossa epoca explosiva a conceber e a realizar. Neste transcurso que vai da guerra até á data muitos têm ficado pelo caminho que é, como quem diz, têm mudado de officio. Alguns, em virtude da velocidade adquirida, oragos com capela propria, levam ainda vida folgada. São os Burget, os Bourdeaux. Os mais vegetam. A ciencia e a industria invadindo o terreno da imaginação, têm-lhe roubado a clientela. Lê-se a gazeta de preferencia ao livro; ouve-se o alto-falante, não se folheia o guia; escuta-se a conferencia pelo radio, não se procura na revista; vê-se desenrolar a fita cinematografica, não se adormece com a novela á cabeceira. E' mais rapida a apreensão cerebral desta forma e menos esforçada. E—aquí está o paradoxo—ninguem se importa de avaliar o esforço que cada um despende para poder entregar-se a este menor esforço.

—A situação é transitoria...

—Transitoria ou perduravelmente o escritor é vitima desta americanização da vida. Já na Conferencia Internacional do Trabalho que periodicamente se reúne em Genebra um filantropo ergueu a voz a interceder pelos trabalhadores intelectuais. Em verdade, será o homem de letras um obreiro necessario na cidade que se ergue? Se lhe succeder como ao escriba no Renascimento que morreu de morte-macaca debaixo dos prélos terá em grande parte a sorte que merece. O mundo de hoje criou-o esse escritor que está vendo o prestigio quebrado. Pedra a pedra, ele mais do que ninguém construiu os alicerces da casa nova. Exaltou, fomentou o culto da acção em prejuizo do culto do espirito, denegriu a propria obra, conspirou aberrantemente a pena e o dom puro do entendimento. Cavava a ruina da intelligencia, mas ha nada mais egoista que o escritor dentro da sua obra, entregue á ansia de arte e de originalidade?

—De facto, o escritor preparou o terreno em que chafurda. Mas o naufrágio não será total. O talento verdadeiro subsiste a todas as vicissitudes.

—A' tona desta sociedade, cada vez mais mecanica e febril, manter-se-á como peixe em agua o escritor official. Este que é um baluarte da boa ética, «fiche» em materia de patria, de religião, de politica, que decanta as virtudes ambientes dos burgueses, do banqueiro, do comerciante, que detesta Caliban apenas porque veste de Candido, este resiste á avalanche. Constituir-se-á uma geração de novos Tolentinos, á mesa posta do poder. Os salões, as academias, os cenaculos distribuir-lhes-ão as migalhas do acafate como alpista aos canarios. E salvar-se-á desta forma a honra literaria do seculo.

—O cepticismo do autor do «Andam Faunos Pelos Bosques», livro tão optimista quanto ás qualidades da criatura humana, espanta-me. O homem precisa de pão do espirito.

—O homem, antes de mais, precisa

do pão que fornece a Moagem e de goso. O homem de hoje, depois da rajada mortuaria da guerra, ficou um gozador carniceiro. Interessa-se pelas coisas do espirito pelo vexo. Lê por curiosidade. O grande instinto que o leva a debruçar-se sobre um livro, uma revista, é a curiosidade. Esta é a boa fada dos escritores. Pouco ou nada actua o instinto do belo. E até certo ponto é justo. Que melhor se produziu no mundo depois da «Odisseia», que tem alguns milhares de anos? As obras do espirito, depois de Homero, depois de Xenofonte, Platão, Luciano, são redundancia.

—Vai apagar-se a era das luzes...

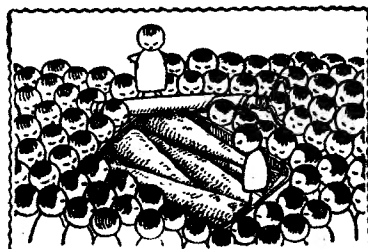
—Começa o crepusculo matutino dum mundo novo. Porventura desapareça a letra de fórmula perante coisa melhor e mais pratica. Daqui a mil anos os sabishões rir-se-ão do nosso alfabeto. A gazeta, o livro, a carta, serão ouvidos e não lidos. Em vez de papel trar-se-á nos bolsos pequenos disticos duma materia suprasensível e leve que arquivará a nossa voz a qual como hoje, confiaremos ao correio para que a leve a seu destino. Será um aparelho cómodo e precioso como as caixas de rapé dos marqueses do tempo de D. João V, salvo a função que é nobre. O mundo, e em particular o mundo simpático que são as crianças, ficará liberto da estopada de aprender a ler e escrever. Aos olhos restará como função suprema, o prazer de recrear-se no panorama doutros olhos e mais raras belezas eternas, sobreviventes ao prosaico e banalizado planeta.

—Onde vai a imaginação dum romancista! Também ha coisas a admirar no nosso tempo, na nossa terra, na republica das letras nacionais...

—Ninguém tem mais prazer em admirar do que eu.

—Cite-nos nomes... Dos novos... ou pelo menos da sua geração em diante...

—São tantos esses nomes! Ponha lá... ponha lá Rocha Martins, o compadre Rocha Martins, cheio de qualidades, não limpo de defeitos, fazendo prosa rijamente como um britador, depois de Camilo o mais laborioso e o mais curvado sobre a banca, denodado, ardente, não temendo abordar qualquer assunto, nunca fugindo ao adversario, a este dando um arranhão, áquele uma cachacada, além acenando com o marmeleiro, sempre valente e admiravel. Ponha Augusto de Castro que continuou a tradição de Eça, largando o relatorio de diplomata para lavrar uma bela pagina, paradoxal por vezes mas sempre singular e musical; ponha João Gaspar Simões, que eu vejo crescer como pujante e primaveril planta; ponha Tomaz Ribeiro Colaço, porventura a maior revelação dos ultimos anos; Ferreira de Castro, consagrado no estrangeiro, Antonio Sergio, infatigavel e aguerrido, e mais nomes «panachés» saídos de campos diversos privilegiados de Minerva.



BOM BOCADO

Abra hoje uma lata de Sardinhas e Conservas Portuguesas ao seu almoço e regale-se

RECUSE AS LATAS SEM NOME DO FABRICANTE

FUNDAS "BROOKS"

Cómodas, Hygienicas, Economicas

Fundas simples: Esc. 90\$00, 175\$00, 225\$00

Fundas duplas: Esc. 120\$00, 200\$00, 250\$00

Pessoal habilitado. Consulte sem compromisso

Hygeia, L. da

Rua Paiva de Andrada, 4

(Ao L. do Chiado)

Versos

Carta

Meu querido Manuel

A tua carta chegou,
Bendito seja o Senhor!...
Pelo bem que me causou
Bendito sejas amor!...

Lá nas trincheiras da guerra,
Minh'alma vive contigo...
Como é triste a nossa terra
Desde que faltas amigo!...

Quando me tento aquecer
Como é triste o lar sombrio!
A lenha não quer arder,
A própria chama tem frio!

As rôlas emmudeceram,
O próprio sol não tem brilho,
As rosas emmurcheceram
Nas faces do nosso filho!...

Já quer andar, coitadinho,
Mas desamparado cai,
E falar é pouquinho,
Mas já sabe dizer «Pai»!

Eu peço a Deus que o proteja
Neste destino tam cru,
E que a gente enfim o veja
Honrado e bom, como tu!

Que eu trago dentro de mim
Tantas tristezas a par:
Sei que tu partiste, sim,
Mas não sei se has-de voltar!

E's um homem, sou mulher,
Vá que nos vençesse a dor,
Morrerias por dever,
Eu morreria de amor!...

Mas a luz daquela estrela
De tão meigo e puro brilho
Que nos traz presos a ela,
A alma do nosso filho;

Não na podemos levar
Quando quizermos morrer:
Quem não sabe o que é penar
Deseja apenas viver!

Mas não, Deus sabe que não,
Que tu não podes faltar:
Ha laços no coração
Que nem Deus deve apartar!...

Espero que has-de voltar,
Espero em Deus que has-de vir!...
São e salvo has-de tornar
Para que eu volte a sorrir!...

E pra que volte alegria
E paz ao meu coração,
Volte a cor da luz ao dia,
Volte o sabor ao meu pão!...

Todos te mandam recados
Quando passamos por aqui,
Todos se fazem lembrados,
E com saudades de ti!

Um beijo do teu filhinho
Que dorme no meu regaço,
Já que os braços, coitadinho,
Não lhe chegam para abraçar!...

Eu mando-te uma saudade:
Que é toda a minha afeição,
Toda a minha liberdade
E todo o meu coração!...

Pra que eu me sinta mais forte,
Vê se escreves qualquer dia...
Sempre tua até a morte,
Manuel, adeus!...

MARTA MESQUITA DA CAMARA
(autora do livro «Triste»)

POLICLINICA DO RÓCIO

L. D. João da Camara, 19 - (Ao Rocio)

Telef. 9 0660.

DR. A. PINA JUNIOR - Clinica geral

das crianças - 14 h.

DR. CANCELA DE ABREU - Medicina

geral, doenças nervosas - 17 h.

DR. CORDEIRO BLANCO - Doenças dos

olhos - 11.30.

DR. CORDEIRO LOBATO - Garganta

nariz e ouvido - 14 h.

DR. F. MARTINS PEREIRA - Medicina

geral, coração e pulmões - 15.30 h.

DR. GONÇALVES VITERBO - Doenças

de boca e dentes - 16.30 h.

DR. JORGE FALCAO - Pele e sífilis -

15 h.

DR. JOSE PAREDES - Cirurgia geral

operações - 16 horas.

DR. OLIVEIRA MARTINS - Doenças das

senhoras-gravidez, às 15.

DR. REGO CORDEIRO - Rins e vias uri-

nárias - A's 11 h.

DR. GENTIL BRANCO - Raios X.

DR. REIS VALLE - Analises clinicas.

Diathermia, ultra-violeta, infra-verme-

lhos, galvanisação, maçagem e gim-

nástica medica.

NOVIDADES LITERARIAS

«O mercador de ilusões»

de Francisco Leão

Francisco Leão é uma sensibilidade



Francisco Leão

frememente que penetra agora no campo literario. Toda a sua emoção interior, rica de belos sonhos, de aspirações de adolescentes e de diálogos com a natureza, acuzam-se neste trecho de verso e prosa, onde se revelam virtudes altas de ritmo e de estilo. Francisco Leão, cuja estreia literaria no «Mercador de Ilusões», causou sensação nos meios intelectuais, trabalha admiravelmente a poesia. Tem um lirismo doce, cristalino, suave e lento, de imagens cristalinas, que lembra por vezes, o cantar da água, nas levadas. Na prosa é mais preciso. A sua inquietação até mesmo a sua duvida, vai das coisas mais humildes ás mais grandiosas. Enche o cosmo de interrogações, saciando talvez assim, a sua sede de infinito.

A Vida e a Morte

Verão. Meio dia ardente. O sol caindo as encostas é um dilúvio de luz sobre os trigais.

Um cavador, canta:

Ha quem disfarce em cantigas
O seu cuidado maior.
Os grãos das tuas espigas
São bagas do meu suor!

Uma voz:

Em grãos das suas espigas
Paga-te a terra o suor.
Paga-te bem... e melhor!

A Vida — O Sol ri. As fontes e os ninhos cantam. Olhai a Terra! Nem uma só das minhas sementes deixou de germinar!

A Morte — Como será farta a minha colheita!

Ao longe, no azul claro do horizonte, destacam-se perfis de moinhos, velejando:

Uma moleira descendo a colina:

Ao vento, as velas trigueiras,
Sempre a rolar, a rolar,
São velhinhas fiandeiras
Em sua roca a fiar!

E a mó branca, redondinha,
Torna que torna, a lidar,
Transforma o trigo em farinha
Dando-lhe a cor do luar!

Um mendigo, subindo a colina:

Dais um bocadinho de pão ao pobrezinho?

Uma voz:

Era ha pouco ainda grão...
Já é farinha e... é pão!

Um cavador ao fundo da colina:

Porque não dizes que sim?
Não te o diz o coração?
Eu sei que gostas de mim
Embora digas que não.

Por entre os trigos passam ceifeiras,
foices curvas ao ombro, reluzindo ao sol, como luas em quarto crescente.

Uma de elas, canta:

Tu trouxeste a bôca cheia
De muito prometimento.
Palavras são grãos de areia...
Cantigas, leva-as o vento!

Fiel á tua lembrança
Meu coração não mudou.
Mas em ti, quanta mudança!
Teu amor já se acabou...

Sob as arvores verdes e frondosas da estrada, um funebre cortejo conduz um pequeno esquife de criança inundado de rosas ainda frescas da manhã.

Uma voz:

Ha bocadinho nasceu!
Ha bocadinho morreu!

A Vida — A Vida é um abrir e fechar de olhos — o berço e logo o sepulcro. Nosso corpo, miséria — logo que nasce começa a corromper-se. Ai de mim! Tudo morre, tudo acaba...

A Morte — Engano! nada morre, nada acaba... A folha que morre, em estreme torna á terra, em seiva ao tronco volta... A gota de água que no mar se perde, á nuvem sobe e á fonte torna... Nada morre, nada acaba... A vida é um círculo. Nascer é morrer, morrer é tornar a nascer. A vida é o fim da morte. A morte — o principio da vida!

Hino á Vida

O Filósofo — Aceitemos a vida tal qual se nos apresenta... Se a tristeza e a dor não existissem, a alegria e o prazer seriam coisas mortas! O que valoriza a luz? A treva. O que valoriza o bem? O mal. Se a nossa vida fosse feita apenas de horas boas, saberíamos acaso distinguí-las das más? Não. Acreditai: só chorando se aprende a rir; só sofrendo se aprende a gozar... E na vida ha que rir... e ha que gozar!

Vivamos a vida á mercê do nosso capricho e do nosso desejo... sem pretender explicá-la... e sem pretender compreendê-la! Se Deus envolveu em misterio, o principio e o fim de todas as cousas, foi porque quiz que os homens vivessem na ignorancia da vida, seria contrariar a vontade Deus!

Não tenhamos ilusões... não percam tempo a desiludir-nos! Dêmos carne á carne, e ao espirito... o que ao espirito pertence. O amor é um continuo encontro e um continuo adeus... As forças mais primitivas e instintivas da vida, é que têm até hoje condicionado e dirigido a humanidade. O amor, fugindo ás leis do instinto que o regem, para se transformar em simples expressão sentimental, tem apenas a delicia e o encanto de uma «blague»!

Não sejamos ambiciosos... a ambição pede tempo, e detrás do tempo escondem-se a velhice e a morte! Não desejemos gloria... A gloria é como a mulher... — acaba sempre por fugir-nos com outro!

Limitemos a nossa vida ao presente...

No passado apenas existem sombras... no futuro, a ansiedade de ver faz com que não apreciemos o que vivemos! Vivamos para nós com sinceridade... espontaneos e felizes! Não sejamos avaros da propria vida... a mocidade não volta!

Nunca nos arrependamos de coisa alguma... Só provando de um fruto, podemos saber se ele nos agrada ou desagradar — só vivendo no mal aprenderemos a conhecer o bem! Passemos na vida de mãos dadas, generosos e bons... sem invejas nem desejos; Ergamos todos os dias ao acordar, um hino ao sol... ao sol generoso e amigo, que faz nascer as arvores e crescer os homens! A um discípulo. Choras? Eu sei: não tendes fé na vida... Não ouves as crianças rir? Os passaros cantar? Faze como eles... Vive a vida á mercê do teu capricho e do teu desejo... sem preterderes explicá-la... e sem pretenderes entendê-la! Matai a razão... e rirás como as crianças, matai a razão... e cantarás como os passaros! Matando a razão... desearás viver!

Minha senhora

A titulo de grande réclame, A Pompadour apresenta, tanto na sua sede, Chiao 28 e 30, como na sua sucursal, 138, R. Augusta, 140 um tipo de meias de seda mate, finissimas a 12\$50 e outro tipo a 15\$00 que são uma verdadeira pechincha pois valem quasi o dobro do preço.

Versos

Duas canções de duvida

Meu coração, que depuz,
Como um novelo de luz
Na palma da tua mão,
Para que dele tecesses
Teu sonho, flor de lis,
Alva, que ao peito trouxesses;
Lembra a sêda sem ventura,
Que vai perdendo o matiz
Sob os linhos da costura...

Se habituasses teus dedos,
—Graça de Deus que alumia...—
A desvendar-lhe os segredos,
A dar-lhe sua beleza:
Sêda triste sem ventura,
Toda ella refloria
Em vida, sonho e ternura!...

II

Era a minh'alma virgem que te dava
Num alvoroço infantil:
Eis tudo quanto tenho p'ra te dar,
Só me resta de meu um corpo vil!

Dia e noite,
Subiu para ti como um incenso
A minha adoração calada e triste!
E porque em meu olhar sereno ardia
Uma chama leal de amor imenso,
A teu lado me ergui e não me viste!...
Se te esquecendo partiste
Um amor tão sem valia,
Na tua mente talvez,
Em sonhos reflorissem!...
Assim a luz do sol, nossa alegria,
Mais presente aos sentidos se revela
Quando nuvem fugaz no ceu a vela!...
E partindo,
Eternamente ficasse
Em tua memoria impressa
Uma dorida lembrança
Deste amor, que foi promessa
D'alma, só d'alma, cumprida!...

Bem pouco é um sonho a mais para
um poeta,
Mesmo feito de amor que o prenda á vida!

FAUSTO JOSÉ

(Do livro «Remoinhos».)

Os ultimos livros publicados

Eis a nota de alguns livros de interesse literario ultimamente publicados, e que têm animado o mercado de livraria.

«Contos selvagens», por Brito Camacho.
«Marias», canções, por Alice Ogando.
«Romance de Inez de Castro», por Artur Augusto.

«Gladiadores», teatro, por Alfredo Cortez.
«A prol do comum», obra postuma, de Antonio Sardinha.

«Amores infelizes», romance, por João Gaspar Simões.

«Prontuario ortografico», nova edição, por Antonio Costa Leão.

«Quinto imperio», poesias, por Augusto Ferreira Gomes.

«P. B. X.», humorismo, por Augusto Cunha.

«Historia tragico-maritima», adaptação, por Antonio Sergio.

«Luiz de Camões», teatro, por Quirino da Fonseca.

«Elementos de Historia de Portugal», por Alfredo Pimenta.

«Um caso singular», por Alves de Azevedo.

«Nocturna», poemas, por Vieira de Almeida.

«Cinco aventuras sem importancia», noveas, por Urbano Rodrigues.

«Por Moçambique», por Mário Costa.

«Cenas delidas pelo tempo», memorias, por Lourenço Cayola.

«Paginas de combate», por Bourbon e Meneses.

«A grande empresa», romance, por Castello de Moraes.

«Motivos de teatro», apontamentos, por Augusto Ricardo.

«Quarenta anos de vida literaria e politica», recompilação, de Antonio José de Almeida.

«Varanda», poesia, por Alberto de Serpa.

«A baixela Germain», estudo historico, por José da Cunha Saraiva.

«Soluções criticas», por Manuel Anselmo.

«Politica naval», por Pereira da Silva.

«Parabola do meu sonho», poesias, por José Rodrigues.

«Subsidios para a bibliografia local portuguesa», Biblioteca Nacional.

«Ano noticioso e historico», por Luiz Montez Mafoso.

«Da Vida», cronicas, por João Maria Ferreira.

«Herol derradeiro», nova edição, romance, por Henrique Correia da Silva.

«Casa das sombras», por Valerio de Ralanto.

Versos

Pedindo uma oração

Em Deus acaba, em Deus começa
A nossa vida, em luto e dor;
Bendito o sonho que floresça
Numa oração, onde estremeça
Um ideal de infundo amor!

Rezai, Senhora! a reza é santa:
E' Deus que vive dentro em nós;
Rezai, rezai! A alma canta
Nessa alvorada sacrosanta...
Rezai por mim! Rezai por vós!

A mão de Deus será clemente,
Quando baixar com seu perdão,
A recolher piedosamente,
Como um vencido combatente,
Meu orgulhoso coração.

A noite desce de mansinho;
Vamos em meio da jornada;
Alumiai o meu caminho!
Rezai, rezai, devagarinho,
Uma oração angelizada!

Dóces palavras, mensageiras
Dum bem mais alto e mais divino,
A quem passou noites inteiras,
Sonhando auroras feiticeiras,
Hão de apontar melhor destino.

Rezai, Senhora! A reza é santa:
E' Deus que vive dentro em nós
Ao ceu a alma se alevanta,
Numa alvorada sacrosanta...
Rezai por mim! Rezai por vós!

JOAQUIM COSTA

(Autor do livro «Melodias na Sombra»).

Concerto

O tocador, tangendo o seu violino,
Traz-lhe vida, existencia imaterial...
Uma beleza pura de cristal
Dá-lhe o macio do veludo fino...

O tocador, simbolico, divino,
Cheio de luz, de graça e de irreal,
Magoa-nos de perto, faz-nos mal,
E põe tristezas fundas no seu hino!

Attento, enamorado, o nosso ouvido
Segue o violino triste... O seu gemido
Em nós se repercute, em nós se criva.

E o tocador (sua atitude é calma...)
Arranca-nos assim farrapos de alma
Como pedaços nus de carne viva!

A lua

Na catedral da noite, imensa, escura,
A Lua sóa eterna como um grito
Sem eco e sem amparo, no Infinito,
Afogada nas trevas da fundura!

Tem a eloquencia atroz da sepultura,
Das chagas sem remédio—estranho mito!
Tem o olhar frio e calmo de granito,
O silencio da neve—a sua alvura!

Em baixo, sobre a Terra, a Vida espalha
Os gritos lancinantes da batalha,
Os risos naturais da mocidade...

E a Lua fica impávida, sózinha,
—Modelo le Velasquez—lembra a Niña
Gelada pelo sol da Majestade.

PEDRO HOMEM DE MELO

(Autor do livro «Caravela ao Mar», com um prefácio do dr. Agostinho de Campos)

Edições da "Renascença Grafica"

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

MAIS VALE ANDAR NO MAR
ALTO..., por NORBERTO LOPES
PORTUGUESES EM ROMA,
por NORBERTO DE ARAUJO.

O LIVRO DO NOSSO AMOR
por SILVA TAVARES.

ALBUM DE CARICATURAS,
por FRANCISCO VALENÇA.

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA,
por JOAO PAULO FREIRE (MARIO)

SORTES GRANDES

à casa COSTA L. DA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Sulcos na areia

Ter tudo é pior que não ter nada: a extrema sociedade dá-nos a fome de não ter fome.

No animo dos avarentos, ha momentos de poesia, como, por exemplo, quando eles consideram os dóces sofrimentos de pedirem a si proprios a riqueza com uma mão, recusando-a severamente com a outra.

Não guardes, no fundo do teu coração, senão a resposta a esta pergunta:

— Onde está a felicidade?

O amor que se menece é muito diferente do amor que se conquista: o primeiro vive de pouco, como a candeia de azeite; o segundo expira, por prodigalidade.

Com uma grande esperança e pouco dinheiro, chega-se a tudo, até ao Capitólio: com muito dinheiro e pouca esperança, perde-se tudo, até a baixela da familia.

Entre dormir e sonhar, nota-se a mesma diferença que entre a obrigação e a aventura.

Hamlet, pondo os olhos fatigados e tristes em Ofelia, disse-lhe:

— Pensais em mim, senhora?

— De tanto pensar em vós, esqueço-me de quem sou.

— Conservareis de mim lembrança, suceda o que suceder?

— Ser-vos-ei fiel, áquem e além da morte.

Os dois tentaram o impossível — construir a cabana do amor eterno, sob a rajada duma tragedia. Como as quimeras não têm raizes, eles acolheram-se á loucura e os seus corpos boiaram no azul, com o seu feixe de desejos mortos

A ventura encontrou uma vez no seu caminho a nobreza e convidou-a a acompanhá-la.

— Para onde me levais tu?

— Quero dar-te quanto te falta — a riqueza, a força, a alegria...

— Não digas mais: tudo isso está acima do que busco. Dá-me a justiça e serei rica.

Não escasseiem neste mundo individuos que se queixam da estupidéz dos seus semelhantes, sem atentar em que é por favor deles que um auditorio os escuta.

Dos quinze milhões de pesetas extraídos dos cofres do Banco de Oviedo, durante a insurreição asturiana, já apareceu um milhão. Faltam ainda catorze. Em que buracos estarão guardados? Enquanto o misterio persistir, a ordem e a desordem terão um pensamento comum, mas duas algebeiras diversas. O dinheiro, desde que alguém lhe deita a mão, suprime as opiniões e multiplica os apetites. E' por isso que á sua mesa não ha dentes fatigados, embora os logares sejam distintos.

Na carta que me escreveste, ha um pensamento que me toca e comove: é quando me dizes, minha querida, que pronuncias o meu nome com veneração. Sem mais uma palavra, fico sabendo de sobra que pretendes interromper a nossa correspondência.

Na vida dos sentimentos, como na vida dos insectos, as metamorfoses sacrificam a materia á forma.

Se a alma humana se pudesse queimar num fogo lento, ver-se-ia que, nas suas cinsas, quedava sempre incorrupta a essencia imortal dum amor credulo e inocente.

Em Portugal, não existe cousa mais corrente que isto — acreditar na sorte e desesperar do dever. Constantemente esbarram uns nos outros — homens que demandam a Índia e nunca chegam a sair a barra.

Se o valor dos afectos se medisse pelo tom e calor da voz, o coração seria um logar deserto.

Versos

O bar

Gargalhadas, ruído, confusão...
Caras pintadas, crestadas as bocas.
Vozes bizarras, algumas já roucas,
Dizem palavras, palavras em vão.

Envoltas no fumo, que pelo ar
Se espalha a bailar,
Silhouettes de côr,
Estranhos vestidos

Saídos
Da paleta dum louco pintor...
Sobre o balcão circular
Do bar,
Copos vãos em desalinho,
Que os braços em torvelinho
São incapazes de alinhar...
Cocktails pardacentos,
Esverdinados, sangrentos,
Coloridos...
Ha neles qualquer coisa de irreal:
Dentro das taças de cristal
Lembram de repente
Pedagos de serpente
Diluidos...

Nos cinzeiros bizarros,
Repousam os cigarros,
Misturados...

— Aceso
Como beijos ardentes;
— Apagados
Como beijos indiferentes,
Fatigados...
E a cinza vai crescendo
Nos cinzeiros...

Caras pintadas,
Bocas crestadas...
Ruído, gargalhadas, confusão...

Vindo do salão
Um par,
A andar
No ritmo do jazz.
Entra no turbilhão
Do bar.
Ela: vestido de gaze,
Amarelo,
No tom do cabelo...
Sinfonia dourada,
Inspirada
Nas notas do jazz...
Ele: blasé,
Distingue.
Na casaca de corte impecavel,
Roseta encarnada
(Indispensavel)
— Um figurino
Londrino...
Depois
Sentam-se os dois
Sem saber
Que dizer...
Desejam-se,
Num encantamento mudo.
Beijam-se,
Com naturalidade, sem estudo.
Esqueceram tudo...

Alheios
A's gargalhadas,
Ao ruído do bar em confusão...
Não vendo
As faces pintadas,
As bocas crestadas,
Que dizem palavras.
Palavras em vão...

HELOISA Cid

(Autora do livro *Sinfonia Incompleta*).

ASSIS BRAZIL

(doce e seco)

PRIMEIRA RESERVA

(doce)

EXTRA RESERVA

(meio doce)

GRANDES ESPUMANTES NATURAIS

— DA —

REAL COMPANHIA VINICOLA do NORTE de PORTUGAL

Vendem-se em todas as boas
casas e na Filial de Lisboa

Rua do Alecrim, 117 a 121

— Telefone 2 2556 —

Atenção!

O decreto n.º 22.173 de 7 de Fevereiro de 1933, determinou, para obstar a confusões lamentáveis, que os vinhos artificiais feitos com ácido carbónico tivessem a denominação de **ESPUMOSOS** e que os vinhos naturais, de fermentação propria, se chamassem **ESPUMANTES NATURAIS**.

CARTA DE PARIS

PLAGIADORES

O Club do Faubourg Quem atire a primeira pedra...

Talvez seja interessante ao lisboeta exaltado e agressivo saber como funciona em Paris, há alguns anos e com pleno sucesso, uma tribuna livre de discussão publica e popular.

Todos os assuntos de actualidade, todas as opiniões, todas as correntes políticas, todas as teorias, todos os casos sensacionais, da queda dum ministério a um crime celebre, são materia de programa para o clube do Faubourg.

Como oradores e contraditores têm subido ao seu estrado ministros, deputados, homens publicos, escritores, ecclesiasticos, sábios, medicos, artistas, operarios, todas as figuras de comedia, de drama e de opereta do palco e da vida de Paris. O redactor da *Humanité* e o da *Action Française*, o frade e o anti-clerical, o autor e os seus criticos, face a face, explicam os seus pontos de vista e discutem em frente do publico.

Este é semelhante aos oradores. Ao lado do casaco de peles, imponente, da elegancia conhecida, o casquinho surrado da *midinette* ou da estudante, anonima, da Sorbonne. Mais diverso e mais numeroso do que possa imaginar-se enche as salas de sessão até ás portas, agitado, tumultuoso, vivo, intervindo, comentando, sublinhando com palmas ou assobios aquilo com que concorda e aquilo de que discorda. Não passa disso. As paixões e os interesses não se resolvem a murro. Pedem-se e dão-se razões, grita-se por vezes, e pronto. Paris cem por cento no seu aspecto interessante e vivo, sem mordacões nem violencias, coração e cerebro dum país latino tão capaz de exaltação e de intolerancia como o nosso mas... civilizado.

O sr. Léo Poldés que dirige o Faubourg, que o imaginou e o pôs a funcionar ante o temor e a incredulidade de toda a gente, é, de resto, um mago do humor que sabe, com um gesto, de vez em quando, deitar aguanas ferveuras iminentes. E assim, desde 1918, mantém e anima, sabendo não tomar partido e não deixar exceder os limites da livre discussão, esta tribuna pitoresca onde se debatem as mais desconcertantes questões de actualidade.

Num livro apparecido sobre ele e o seu clube, escrito por Fernand Pignatelli, lê-se esta cínica curiosidade:

«Léo Poldés—o homem mais desagradavel numa democracia, pois permite a todas as opiniões o manifestarem-se».

No Faubourg o cenario é simples. Uma grande sala, um estrado, uma mesa e muitas cadeiras. Sobre a mesa uma garrafa rodeada de copos, um despertador e um prato de bateria de orquestra. Nas paredes cartazes escritos á mão annunciando o programa das proximas sessões ou contendo instruções e avisos ao publico e aos oradores.

O estrado e mesa servem para quem

fala. A garrafa e os copos, em geral, não servem para nada. O despertador avisa pontualmente os entusiastas que já passaram o tempo que lhes foi estabelecido para falar. O prato, quando a gritaria é muita, abafa com o seu ruido os ruidos, e faz assim calar as gentes. Os cartazes, finalmente, servem para ensinar a assistir e para fazer vontade de voltar.

Três vezes por semana, e, quando surge um grande assunto imprevisto, tantas quantas forem precisas, se repete este espectáculo para o qual, uma hora antes do começo, já se toma lugar, em bicha, nos corredores de acesso.

Pedi a Léo Poldés uma entrevista. Queria que ele explicasse directamente aos leitores do *Diário de Lisboa* o funcionamento do Faubourg. Gentilmente enviou-me um longo artigo seu publicado no *Miroir du Monde*, convidou-me para uma das sessões e dispunha-se á desagradavel missão de ser entrevistado, enquanto Sabatier, o personagem da estranha trapalhada do caso conhecido pelo seu nome, explicava em frente do tribunal popular como tinha sido enganado pela mulher e internado como doido num manicómio por artes do sr. Leon Blum e mais comparsas.

Agradei-lhe e evitei-lhe a maçada inutil. No artigo fazia-se a historia do Faubourg, das suas dificuldades primeiras, do seu triumpho. O funcionamento das sessões não precisava de explicação especial.

Com o seu sorriso permanente rasgando a palidez da cara, senti que me agradecia poupar-lhe a attitude e a frase solene nesse ambiente com muitas frases mas sem solenidade nenhuma.

«O orador fala. Não ha conferencia no Faubourg. A guilhotina oratoria funciona. A palavra passa ao publico que faz perguntas. Fila por fila os homens levantam-se, as mulheres endireitam-se e agitam-se. Perguntas divertidas, graves, pueris, espirituosas. A multidão que fala, que se anima, se exalta e se confessa. Os problemas mais austeros e os assuntos mais frivolos. Houve quem quizesse espantar-se com estas dissemelhanças. Porquê? Elas são necessarias. Num jornal succede-se ao artigo sério a cronica alegre e os casos do dia angustiosos e a novela humoristica.

«Não é o clube do Faubourg um jornal falando da actualidade mundial? Ri-se no clube do Faubourg? É verdade. Longe de nós um mórno aborrecimento. Os melhores moralizadores são os que utilizam essa nobre arma de que se fala com excessivo desdém: a ironia.

«Os «crazeurs» não têm lugar no clube do Faubourg».

Paris, 21 de novembro de 1934

ANTONIO PEDRO

Uma grande revolução

Informamos os nossos Ex. mos Clientes, amigos e publico em geral, que os Ex. mos Senhores Joaquim Lourenço, Inacio Sequeira, Francisco Nunes Lopes e Francisco Afonso Pereira, ex-empregados dos **Estabelecimentos Galvão & Gamello**, ingressaram na acreditada firma **J. BARRETO, L. DA.**

VIDRARIA PORTUGUESA

Rua Eugénio dos Santos, 161 a 167

Sendo esta casa uma das mais acreditadas e fornecedoras no ramo da sua especialidade, aguardamos a vizita de V. Ex. as

Tapetes Electricos (Invento Português)

Aquece os pés sem qualquer inconveniente — Consumo mínimo (12 cent por hora)

Garantia de um ano — ESCUDOS 70\$00

A' venda nas casas da especialidade e na

Empresa Electrica de Lisboa, Ltd.ª

97 — RUA DE SANTA JUSTA — 99

Um demonstrativo artigo do sr. Rocha Junior—que é um jornalista de merito e emeritamente chefia a redacção do «Diário de Noticias», sem que esse arduo trabalho prosaico, á frente duma valorosa pleiade lhe prejudique o estro poetico de belas rimas—veio pôr o plagio, por causa duma apropriação que juvenilmente lhe havia sido feita, em caso jornalístico a apreciar-se. Em seguida, deu-se o incidente ultra-comico, literario a respeito do uso e modificações de versos, populares ou não, no fonofilm «Gado Bravo», a que por util termo, uma fina sentença do distinto juiz, dr. Vasco Borges, confirmativa de grande intelligencia e saber da teoria da lei de circumstancia, nada para admirar tanto mais que já Goethe a aconselhava e applicava á linguagem metrificada.

O plagio e a propriedade literaria ficaram, por tal, na ordem do dia. Lá fora, convidativo seria o assunto para alguns dizeres: cá, um successo ordinario do registro policial prefere, antepõe-se a tudo. Nada! Não será excesso, por isso, consagrar-lhes algumas linhas, tanto mais que tão só veio contado que uma mesma peça fôra representada, tal qual, em quatro theatros figurando no cartaz como autores pessoas que dela não o eram. Glorioso passageiro! Isso, porem, não é propriamente, nem mesmo em pura etimologia, se pode considerar, um plagio: chama-se tão só pilhagem, completa.

Plagio é, substantivamente, um furto literario: a attribuição de algum pensamento, ideia, expressões ou parte de obras literarias de qualquer autor. Mais imitação dissimulada, na maioria. E quem faz plagios é um plagiador: que significava propriamente—outros tempos!—o que furtava crianças aos escravos ou o que vendia homens livres como escravos.

Veio orlundo, em remota epoca da lei Flavia ou «plagiaria», que condenava os criminosos a açoutes. Por applicação de sentido é que lhe attribuíram a significação de roubador de produções literarias ou o que se confere obras ou passagens de algum outro. Portanto, estruturalmente, tirar um lucro ou fruir um bem espiritual, patrimonio de terceiro. Tão só isto: devendo a simplicidade da materia, sem nenhuma das formalidades complexas e de amplitudes de modalidades diversas, despertar outras considerações.

Mas, Santo Deus, que de estranhezas de duvidas ainda a considerar: a melioria, o dominio geral, a maestria, etc. E', como no resto, cada cabeça cada sentença.

Talvez o plagio seja tão velho como o mundo. Tem ele tido—e continuarse á «ad eterno...»—imensos cultivadores e não menos difamadores. Tem sido condenado e tem sido mais que absolvido, glorificado, e apesar de se servirem de todas as subtilidades na defesa do bem de que se apropriam onde o encontram («bien qu'on prend ou on le trouve», de Molière) o plagiado não deixa de ser um plagiado como um gato é um gato, já no dizer de Musset blasfemado pelo mesmo delicto... E isso de fazer falar os animais se faz desde Esopo que foi acusado de ir buscar aos hindus, como Phedro a ele e La Fontaine aos dois...

Porem, nem por isso, nenhum deles deixa de ter a sua virgindade, que aumenta com o desconhecido e cultura de quem os ajuizar. Quando Rostand, no «Chantecler», pôs o galo, em seu goso de aproveitamento, sendo aliás a ideia anterior, de tantos outros, foi pelos lidos bastante apodado de plagiador.

Já Shakespear o fôra, e, no entanto, nem «Romeu e Julietta», «Shylock», «Desdemona», «Hamlet», «Otello», essa «Noite dos Reis», «Como melhor vos agrada» e toda a surpreendente galeria desse genial criador de almas, que muito embora já noutros corpos rudimentarmente houvessem andado, não deixaram de ter vindo originariamente do seu espirito divino. E imorredouras e duma mocidade todos os dias renovada.

A's vezes, muitos desses delictos não passam de compreensivas homenagens aos mestres e responsabilidades de memoria, tão boa que, a miúdo, só perde a lembrança donde achou os bens de que fazem uso através da intelligencia e aproveitamento quicá tambem da

fonte: não raro a opinião do superior. Quando visitámos o Campo Santo de Piza, passa-se alheio aos quadros murais. Só quando se lê que foi neles que Rafael se inspirava é que, depois, se liga attenção admiradora...

Mas ha melhor: é Anatole France—que os novos de hoje começam, juvenilmente, a atacar sem muito o atingirem,—fazendo nas elegantes paginas da «Vie Littéraire» a apologia do plagio e pugnando pelo principio da ideia não ser bem individual e de que só a sua vestimenta, o trato, a forma é que dá patrimonio, encerra a valia da originalidade e demonstrando, até com a historia do pintor premiado pelos ulmeiros dum rincão longínquo, que arrendara, e que alguns dos seus rivais lho tiraram, pensando ser o sitio que valia: ser tudo. O artista desapossado procurando outro recanto, desatou a pintar cardos e a ser premiado e os outros com os seus ulmeiros nem citação obtinham.

Entre nós, tantos e tantos. Uns de razão outros de revoltante injustiça. Pecados veniaes. O grande Eça com o «Crime do Padre Amaro», com o «Mandarin», que nem Zola nem Sandeau seriam capazes de apresentar com a genuidade surpreendente, admiravel e duradouro, romancista português, ele que tão só se apoderou, por bela tradução, das «Minas de Salomão», e com que beleza!

Quando ha anos passei para a nossa lingua, em «O Seculo», o reputado conto de Anatole France «A Dama do Véio Branco»—admiravel desde o conceito até ao colorido—recebi carta dum leitor, de Santarem, dizendo-me que o valor do trabalho não era o que eu lhe assinalára, pois em Gustavo Droz tudo isso existia. Tudo, não! Efectivamente, em uns periodos das «Tristesses et Sourires» encontrei, se faz uma allusão, quasi semelhante, identica ao tempo para a inevitavel volubildade do mais arreigado e saudoso amor feminino... Contudo, que diferença mesmo que dessa célula tivesse saído o corpo... E a verdade nos manda lembrar do proprio France, para denegrir Ohnet, a asseverar que em Paul de Kock se podem encontrar todas as invencões e originalidades dos mais considerados e originaes romancistas! Assim será.

Seja como fôr, o que todos os accusados ou sequer dignos de accusação podiam responder e exortar era, porventura, o que o afamado dramaturgo Dumas Filho respondeu a um importuno critico, autor hungaro, que lhe lançára em rosto de não fazer senão servir-se do material já encontrado em livros:

—Seja assim: as numerosas pecas que faço são apenas então de livraria. Plagio! Seja! Ao vosso dispor, pois a minha biblioteca e novas pecas... feitas por vós, vos pertencerão!

Não reza a historia que quaisquer outros fizessem as comedias do Dumas Filho livresco... só para o hungaro. Agora mesmo a linda francesinha Yvonne Printemps, que em Londres, onde é o idolo, vai super-estilizar a «Dama das Camélias» só assevera que o fará na interpretação.

Quem se ufane de ter sido uma vez Dumas Filho, só a saudosa Duse: modificando as palavras do final da «Mulher de Claudio», mas a ponto do extraordinario dramaturgo patrocinar, aproveitar-se, vir-lho agradecer, aceitar e pôr no livro, como seus, os dizeres dessa gloriosa italiana que no palco foi justamente considerada a divina de «belli mani» dannunzianas...

JOSE' PARREIRA

CASAMENTO

Pretende-o rico proprietario e apresentavel com senhora que use a linda permanente Universal que executa o Cabeleireiro do Rossio, 93, no 2º andar. Tem elevador. Telef. 21720.

A. GUERREIRO

da Escola Dentaria de Paris

Tel. 2 0974

Rua de S. Paulo, 26